



EQUIPES DE NOSSA SENHORA

Equipe Satélite de Formação Cristã



CURSO/ALBERGUE

ESPIRITUALIDADE

ESPIRITUALIDADE

ÍNDICE



	Pág.
APRESENTAÇÃO	4
MESA 1 - UMA HISTÓRIA DA ESPIRITUALIDADE	6
1.1 Como surge a espiritualidade no ser humano?	7
1.2 O que entender por espiritualidade?	9
1.3 Princípios comuns a todas as espiritualidades	11
1.4 Evitar o reducionismo	13
Para a reflexão	14
MESA 2 – UMA APROXIMAÇÃO À ESPIRITUALIDADE CRISTÃ	15
2.1 Israel: o povo escolhido	15
2.2 O ensinamento de Jesus	17
• A renúncia a si mesmo	18
• O seguimento de Cristo	20
2.3 A importância da oração	21
Para a reflexão	24
MESA 3 - A ESPIRITUALIDADE CONJUGAL	25
3.1 O fundamento da espiritualidade conjugal	26
3.2 A espiritualidade conjugal: um processo dinâmico de encontro com Deus	29
3.3 A espiritualidade conjugal vivida em sua dimensão sacramental	31
Para a reflexão	35
MESA 4 - A ESPIRITUALIDADE CONJUGAL: CORAÇÃO DAS EQUIPES	36
4.1 A espiritualidade conjugal	36
4.2 Dar testemunho a outros casais	42

4.3 A espiritualidade conjugal: carisma das ENS	43
Para a reflexão	44
 MESA 5 - A ESPIRITUALIDADE CONJUGAL NA PALAVRA	 45
5.1 Os Evangelhos sinópticos	45
5.2 A espiritualidade conjugal nos Evangelhos	46
• I Coríntios 13, 1-8a	49
• Romanos 12, 1.9-18	50
• Efésios 5, 21-32	52
Para a reflexão	53
 MESA 6 - A ESPIRITUALIDADE CONJUGAL NO MAGISTÉRIO	 54
6.1 A vocação do homem para a santidade no matrimônio	54
6.2 A espiritualidade conjugal a partir do Concílio Vaticano II	58
Para a reflexão	62
 MESA 7 - A ESPIRITUALIDADE CONJUGAL NA TRADIÇÃO	 63
7.1 A pastoral do sacramento do matrimônio	66
7.2 A importância da preparação para o sacramento	68
• A preparação remota	69
• A preparação próxima	70
Para a reflexão	71
 MESA 8 – DESAFIOS DE UMA ESPIRITUALIDADE CONJUGAL NAS ENS	 72
8.1 Desafios do futuro	73
8.2 O desafio de ser casal equipista	78
Para a reflexão	80
 BIBLIOGRAFÍA	 82

Observação: traduzido do espanhol (da Colômbia) para o português pela Super Região Brasil.

ESPIRITUALIDADE

APRESENTAÇÃO



Este curso/albergue se propõe a oferecer uma aproximação geral ao tema da espiritualidade a partir da perspectiva cristã, razão pela qual foi selecionado um importante grupo de textos de autores especialistas no tema – do ponto de vista da teologia espiritual, do magistério da Igreja e do nosso Movimento das Equipes de Nossa Senhora.

Estes textos foram sistematizados para lhes dar uma ordem, que permita uma melhor compreensão daquilo que nos ajude a dar maior solidez em nossa experiência espiritual, como seguidores e missionários de Jesus, nosso Mestre espiritual.

A metodologia de Emaús nos ajuda a reconhecer que vamos caminhando plenos de dúvidas, como aquele casal que se encontra com Jesus Ressuscitado no caminho de regresso de Jerusalém cheio de tristeza; mas, aquele “andarilho” que se une a eles os enche de desejos de estar em sua companhia, e vão com Ele repartir o pão que abre o seu coração para um novo entendimento das Sagradas Escrituras.

Agora é Jesus Ressuscitado que nos convida a aceitar sua companhia neste caminho de crescimento espiritual. Ele quer que percorramos esta trilha e entremos com Ele em cada mesa deste curso/albergue para tomar este Pão de sabedoria, que hoje nos oferece através das palavras destes autores selecionados.

Por isso, na primeira mesa, é fornecido um texto que recorre a diversos autores, como um pretexto que nos permite uma aproximação com a **história da espiritualidade**.

Posteriormente, na segunda mesa, é “servido” (fornecido) um texto que tenta uma **aproximação à espiritualidade cristã**. A seguir, se encontra uma terceira mesa, na qual é abordada a **espiritualidade conjugal**. Em uma quarta mesa, é dada continuidade ao tema, mas a partir de um lugar mais específico: a espiritualidade conjugal nas ENS.

As três mesas seguintes – 5, 6 e 7 – propõem a realização de uma reflexão a partir da Palavra, do Magistério da Igreja e, é claro, da tradição cristã, razão pela qual assim aparecem nos títulos.

Finalmente, o curso/albergue é encerrado com a oitava mesa, na qual são propostos alguns **traços de uma espiritualidade conjugal nas ENS**.

Com estas reflexões, queremos contribuir para a motivação permanente que todo cristão em geral e o equipista em particular devem ter para continuar seu caminho no aprofundamento de sua fé.

MESA 1

UMA HISTÓRIA DA ESPIRITUALIDADE



Quando se fala do modo como se originou o cristianismo, pensa-se em um esquema geográfico muito simples:

Começa em Jerusalém, avança pela bacia norte do Mediterrâneo, até que, finalmente, chega a Roma. Desta forma nos é apresentada uma linha do cristianismo primitivo, a que teve mais sucesso histórico, e que, em maior medida, condicionou a história posterior, mas nada diz das linhas cristãs que se estenderam pelo oriente e pelo norte da África¹.

A citação anterior nos mostra algo que parece óbvio, mas que, em geral, não se leva em conta: ainda que se fale do cristianismo e de sua espiritualidade, devemos ter presente que nem sempre se pode falar de um único cristianismo e, portanto, de uma única espiritualidade cristã.

É por isso que, embora pareça estranho, inútil ou sem sentido, é pertinente que o leitor contemple que, quando se propõe uma história da espiritualidade, é porque existem outras histórias, e a que queremos apresentar aqui é uma das tantas que existem e que podem ser encontradas dentro de uma ampla consulta bibliográfica.

Mas, é fundamental também deixar claro que, talvez, nossa história não seja a melhor, nem a verdadeira. É simplesmente a que queremos dividir com pessoas interessadas em se aprofundar em uma espiritualidade que conecta com sua experiência de vida conjugal.

¹Aguirre, "El proceso de surgimiento del cristianismo", em: *Así empezó el cristianismo*, 18.

Essa é a diferença desta de outras histórias e que, no fundo, não é muito diferente dos fatos que as demais contam. De repente, é a maneira como se aborda. Mas isto é algo que o mesmo leitor terá que identificar e avaliar. A mesa está servida; assim, vamos ao que interessa.

1.1- Como surge a espiritualidade no ser humano?

A aparição do ser humano é um mistério ao qual a ciência, a filosofia e as religiões têm desejado dar resposta. Biologicamente falando, é possível afirmar que o homem é mais um animal; mas, teologicamente, se diferencia por possuir três características: o intelecto, a sociabilidade e a espiritualidade.

Embora alguns pesquisadores argumentem que esta última não é algo exclusivo do ser humano, o que, sim, pode ser aceito, é que ao menos é o único que refletiu e socializou de maneira sistemática. Portanto, qualquer relato, teoria ou discurso sobre as causas que provocaram a origem do homem devem explicar também a origem de suas capacidades intelectuais, sociais e espirituais.

Desde a aparição do ser humano, este buscou dar explicação lógica às coisas que acontecem no mundo e no interior de sua própria vida. De onde viemos? Por que sofremos? Qual é o sentido da existência? O que há depois da morte? Por que a mim?

Estas são algumas das muitas perguntas que alguma vez passaram por nossa mente e às quais, seguramente, não pudemos dar plena e satisfatória resposta.

No transcorrer da história, estas respostas foram catalogadas de acordo com dois princípios básicos: se elas podem ser comprovadas ou não. Para o primeiro caso, as respostas oferecidas estão geralmente no campo das ciências naturais, enquanto que a segunda categoria de respostas tem sido apresentada dentro das ciências sociais e humanas.

Desta maneira foi gerada a ideia do dualismo, ou seja, que existem dois princípios que são contrários e que se encontram em permanente tensão: acima e abaixo, dentro e fora, o sol e a lua, ou o corpo e a alma.

Este último princípio é o que permite entender o desenvolvimento de teorias, relatos e discursos que falam de situações opostas e que levam a pessoa a optar por uma ou outra, pois a tensão entre elas não deixa outra alternativa.

O exemplo mais utilizado é o da aparição do homem. A resposta à pergunta “de onde viemos” nos é oferecida pela ciência, com a Teoria do Big Bang e a Teologia com o relato da Criação.

Com relação ao Big Bang, ou Teoria da Grande Explosão, a cosmologia descreve a maneira como o universo foi criado: a energia e a matéria estavam em um estado de alta densidade e de um momento para outro se expandiu com uma força descomunal.

Por outro lado, no princípio do livro que relata as origens do homem, o Gênesis, pode ser lido que *“no princípio Deus criou os céus e a terra. A terra era caos e confusão, e escuridão acima do abismo, e um vento de Deus soprava por cima das águas”* (Gn 1,1-2).

Se lembrarmos de algumas definições que são oferecidas acerca da palavra espírito – a qual dá origem à palavra espiritualidade –, devemos nos remeter ao hebreu *Ruah*, ao grego *Pneuma* ou ao latim *Spiritus*, já que alguns autores as traduzem não apenas como Espírito, mas também como sopro, impulso, ânimo, força – como o caso da ciência –, ou vento, no caso da teologia. Desta maneira, pode-se afirmar que o espírito e, é claro, a espiritualidade se encontram desde o princípio, na base da própria existência humana.

Quando escutamos a palavra espírito, nos assalta um vago temor. Ela nos soa como algo que, por ser poderosa, supera nossas forças e, portanto, pode converter-nos em seus escravos.

Parece que só pronunciar esse som faz aparecer em nossos ânimos o som do trovão e a tormenta mais feroz: espírito é, então, um dos nomes do mistério².

1.2- O que entender por espiritualidade?

A espiritualidade é um conceito bastante amplo, que faz referência de maneira simultânea a três significados em particular:

- a) Em primeiro lugar, fala de tudo o que se encontra relacionado com a vida espiritual, *“desde o começo ascético até seu desenvolvimento na experiência mística de Deus”*.³
- b) Tal conceito é também utilizado para referir-se *“às diversas escolas de vida espiritual”*⁴, como, por exemplo, a inaciana, a salesiana, a franciscana, a carmelitana, a salvatoriana ou a beneditina, entre outras.
- c) Do mesmo modo, *“é descrita como ciência prática, existencial, de perfeição evangélica em seu itinerário formativo-pedagógico, desde o ideal cristão de caridade até a unidade de espírito na união mística com a Santíssima Trindade”*.⁵.

Também, segundo alguns estudos recentes, é possível distinguir três aspectos neste conceito:

- a) O primeiro se relaciona com a maneira de reorientar a vida pessoal para o Espírito Santo, com base na Palavra de Deus. Desta maneira, se poderá viver *no Espírito segundo o Espírito*⁶, devido a que *“a esperança não falha, pois o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”* (Rm 5,5).

²Etchebehere, *El espíritu desde Viktor Frankl*, 16.

³Álvarez, *Diccionario Teológico Enciclopédico*,333. Entenda-se por ascético uma referência à austeridade, e por mística a dedicação a uma vida espiritual.

⁴Idem.

⁵Idem.

⁶É o título de um livro cujo autor é o teólogo brasileiro Leonardo Boff.

- b) O segundo é apresentado na linha de reconhecer a diversidade de carismas concedida à humanidade pelo Espírito Santo (1Cor 12,4), com *"a finalidade de facilitar e encarnar o mesmo e único ideal evangélico de perfeição na caridade"*⁷.
- c) E o terceiro mostra que o cristianismo, embora se encontre dividido em várias igrejas, estas permanecem unidas em *muitos aspectos e podem enriquecer-se mutuamente*⁸, com a finalidade de alcançar uma unidade comum, que é a comunidade de crentes, *"para que todos sejam um"* (Jn 17,21).

Ao que foi apresentado acima, deve-se acrescentar que na atualidade já não é possível associar a espiritualidade de maneira exclusiva com a oração, com a religiosidade ou com a piedade; isto porque podem ser encontradas “espiritualidades” que vivem à margem da religião, pois são muitas as pessoas que afirmam que a espiritualidade é um assunto de consciência, que não pode ser submetida a cleros, hierarquias, dogmas, tradições ou convencionalismos. Tudo isto, *"talvez porque a espiritualidade não se refere a uma parte da vida, e sim que é a própria vida fluindo e acontecendo"*⁹.

Pelo que foi dito acima, é conveniente recordar que:

Todo ser humano, independentemente de sua cultura, confissão religiosa e condição social, pelo único fato de sua humanidade, possui a sensibilidade para identificar e seguir aquilo que está em sua essência, como ânimo, vigor, brio, espírito, e o que convida e o chama para viver. Em outras palavras, todo ser humano possui uma vida espiritual, uma espiritualidade que, dada sua condição de totalidade, não pode ser separada de sua corporalidade. É uma espiritualidade que o coloca relacionado com o mundo, com os demais e apresenta a abertura a Deus.

Por isso, a espiritualidade é vivida no dia a dia; não é possível opor a vida espiritual à vida corporal, uma vez que a espiritualidade tem a ver com todo o ser humano, e

⁷Álvarez, *Diccionario Teológico Encyclopédico*,333.

⁸Álvarez, *Diccionario Teológico Encyclopédico*,333.

⁹Navarro, *Reflexiones sobre espiritualidad, teología y docencia*, 2.

justamente na relação com os demais é que se manifesta o ser espiritual que somos, a própria e particular identidade que proporciona o alento que anima cada um a viver. Por isso, a comunicação constitui o sinal da espiritualidade, a linguagem através da qual a vida espiritual se expressa.

A espiritualidade é, portanto, uma dimensão da experiência humana, convite a cultivar a interioridade, a perguntar-se pelo sentido da vida, a transcender o imediato, a superar o viver simplesmente a partir da superficialidade das coisas, ou a partir das evidências empíricas que respondam a estímulos e pressões do mundo exterior.

Viver a espiritualidade supõe conceber a vida como ser integral, profundamente corpo, encarnado, como homem ou como mulher, impregnado de dinamismo, de eternidade. Apenas a partir desta consciência pessoal é possível empreender um itinerário de vida espiritual.

Assim, a espiritualidade se refere a alguém que a mantém ou a possui ou a cultiva, como uma forma de ser, de pensar, de olhar, de fazer, de saber, de escolher, de amar. É característica e potencial da pessoa, enquanto dinamismo e ação de vida¹⁰.

Desta maneira, pode-se afirmar que a espiritualidade faz referência à forma de "expressar o encontro e a relação dos seres humanos com Deus"¹¹. Uma relação que apresenta novas perspectivas e que, nas palavras do evangelista, nos lembra o convite de ser para os demais luz (saber) e sal (sabor) – neste mundo (Mt 5, 13-16), e que para o caso do cristianismo, tem como finalidade degustar e saborear a experiência que tem Jesus Cristo como boa notícia em qualquer circunstância.

1.3- Princípios comuns a todas as espiritualidades

Por tudo o que foi visto até o momento, é possível assinalar três princípios que caracterizam qualquer espiritualidade:

- a) O espírito, por ser germe e força, se vincula de maneira primordial com a vida em geral e a vida humana em particular, para impor e exigir que

¹⁰Navarro, *El lugar de la espiritualidad en la acción docente del teólogo*, 61-62.
¹¹Espeja, *La espiritualidad cristiana*, 15.

toda experiência esteja atenta perante qualquer situação que atente contra ela. Daí que *"humanizar e melhorar integralmente a vida é o horizonte comum a todas as espiritualidades"*¹². Porque, a cada dia que é vivido, é feita uma referência não confessional, sendo uma boa pessoa, ou se quiser ir mais além, a partir de uma perspectiva confessional como um crente e praticante.

- b) Uma autêntica espiritualidade tende ao crescimento integral da pessoa, em um processo permanente de transformação que redunda em um benefício tanto individual quanto coletivo. *"Significa que o estoque da autêntica 'espiritualidade' é um bem integrador para cada pessoa, para todos e para o universo inteiro"*¹³.
- c) Uma espiritualidade genuína pretende afetar positivamente *"todo o ser, o sentir, o desejar e o atuar de cada pessoa tal como é: com suas realidades, dinamismo e tendências positivas"*¹⁴, assumindo também suas limitações, debilidades, suscetibilidades e egoísmo, próprias da condição humana, com o propósito de sermos conscientes de nossas próprias limitações – nossa indigência –, para assumi-las e integrá-las positivamente ao serviço da vida própria e dos demais.

Em consequência, pode-se concluir que:

Se o espírito é vida, então o oposto ao espírito não é a matéria, e sim a morte... (Portanto), a espiritualidade comporta, consequentemente, um verdadeiro projeto que se opõe à lógica da morte presente no processo atual de acumulação e de mercado total, expressões organizadas e supremas de assalto à natureza e à comunidade planetária. Essas expressões são (reducionistas), excludentes e produtoras de um sem número de vítimas¹⁵.

¹²Cabestrero, *¿Qué es y qué no es espiritualidad?*, 13.

¹³Idem.

¹⁴Idem.

¹⁵ Boff, *Ecología: grito de la tierra, grito de los pobres*, 240.

1.4- Evitar o reducionismo

Quando surgem problemas ou inquietações, é imprescindível buscar soluções rápidas e efetivas. No entanto, na ânsia de propor uma saída, muitas vezes não se leva em conta o contexto ou as consequências que estas possam ter no futuro, razão pela qual, com frequência, recorremos à solução fácil e que em geral não nos afeta ou impacta.

Por exemplo, se alguém nos diz que tem fome, a resposta mais fácil é: pois coma. No entanto, em não poucas ocasiões, esta solução não está ao alcance de todos, uma vez que no caso das pessoas que não têm os recursos necessários, o comer se converte em um desafio a superar diariamente.

Do mesmo modo, quando alguém nos diz que está triste, agoniado, desorientado ou aborrecido, é fácil para nós dizer-lhe “tranquilo, não há mal que dure cem anos”. Dessa maneira, uma experiência tão cotidiana, como é a relação com outra pessoa, pode nos levar facilmente *“a uma visão estreita e simplista, ou seja, redutiva da realidade, uma interpretação tendenciosa e pobre da complexidade do real”*¹⁶.

Neste sentido, temos que estar atentos para não cair em reducionismos que existem em diferentes classes, como o político, o econômico, o filosófico, o científico e, é claro, o espiritual; isto consiste:

Em identificar totalmente a pessoa com seu espírito e reduzir seu corpo e sua materialidade a um puro acidente do tipo arbitrário. Neste reducionismo é realizada uma desconsideração implícita ou explícita da dimensão corpórea do ser humano e, portanto, de sua sensibilidade, de sua sexualidade, de sua expressividade e linguagem gestual. O corpo se reduz a veículo do espírito¹⁷.

¹⁶ Torralba, *Antropología del cuidar*, 46.

¹⁷ Torralba, *Antropología del cuidar*, 49.

Segundo Teilhard de Chardin, todos os seres do universo possuem tanto uma interioridade quanto uma exterioridade¹⁸ que, para o caso do ser humano a partir de uma perspectiva integral, tal interioridade é entendida propriamente como a espiritualidade; ou seja, essa terra sagrada onde se entra descalço para contemplar as dimensões profundas da vida (ver, Ex 3,5).

Daí a importância de superar qualquer visão reducionista e, neste caso, do espiritual, porque esta dimensão da experiência humana é a que enriquece e dá profundidade e sentido à nossa experiência¹⁹.

PARA A REFLEXÃO

- 1) Falando de uma história da espiritualidade, se menciona um texto de Aguirre, onde é feita referência à origem do cristianismo. Ali é mencionado que a que conhecemos é uma das várias linhas cristãs que pode ser formada. O que você pensa disso?
- 2) O que te chamou mais a atenção depois de ler o item acerca de como surgiu a espiritualidade no ser humano?
- 3) No texto é abordada a pergunta sobre o que entender por espiritualidade, a partir do ponto de vista de alguns autores. Mas, você, o que entende por espiritualidade?
- 4) O que você pensa da pretensão de conseguir uma espiritualidade genuína?
- 5) Porque é importante evitar os reducionismos, especialmente do tipo religioso?

¹⁸ Chardin, *El fenómeno humano*, 17.

¹⁹ Cunningham y Egan, *Espiritualidad cristiana*, 13.

MESA 2

UMA APROXIMAÇÃO À ESPIRITUALIDADE CRISTÃ



Na mesa anterior foi afirmado que a espiritualidade faz referência à forma de "expressar o encontro e a relação dos seres humanos com Deus"²⁰; no entanto, deve-se ter presente que cada pessoa poderia relatar tal experiência, a qual está sempre enraizada em uma particularidade: judia, islâmica, cristã ou de outro tipo"²¹.

Para o caso de uma espiritualidade cristã, deve ser lembrado que esta:

Apoia-se essencialmente na doutrina de Jesus, completada com a doutrina de seus apóstolos imediatos. Não há nem pode haver outra espiritualidade legítima e autenticamente cristã. São Paulo adverte expressamente que "ninguém pode apresentar outro fundamento a não ser o que já foi apresentado, que é Jesus Cristo" (1Co 3, 11), e São Pedro afirmou com valentia perante o conselho supremo judeu que "nenhum outro nome nos foi dado sob o céu pelo qual possamos salvar-nos" (Act 4, 12)²².

E se for aceita uma verdade de Perogrullo²³, como é afirmar que Jesus era judeu, é importante recordar parte desta herança, que permite falar de um cristianismo-judaico.

2.1- Israel: o povo eleito

Quando se pergunta sobre qual é o povo eleito, pelo menos no contexto religioso cristão, a resposta imediata é: Israel.

²⁰Espeja, *La espiritualidad cristiana*, 15.

²¹Cunningham y Egan, *Espiritualidad cristiana*, 6.

²²Royo, *Los grandes maestros de la vida espiritual*, 3.

²³Quer dizer, uma coisa é tão sabida e conhecida que resulta bobagem dizê-la.

No entanto:

Quando se faz menção a Israel, pode-se entender pelo menos de três maneiras: a primeira é o Estado criado em 14 de maio de 1948, que foi aceito pela Organização das Nações Unidas – ONU – em 1950. Daí vem o gentílico “israelense”, para o cidadão do Estado de Israel.

A segunda se encontra no interior do texto bíblico, quando é narrado que Israel é o nome que Jacó recebe depois de lutar contra Deus (*“Daqui por diante não te chamarás Jacó e sim Israel, porque fostes forte contra Deus”* - Gn 32, 29), razão pela qual o povo judeu adota este nome, uma vez que este cresceu e se desenvolveu basicamente a partir dos doze filhos que Jacó teve – o povo de Israel – (Rubem, Simeão, Levi, Judá, Issacar e Zabulon – filhos de Lia, com quem também teve sua filha Dina; Gade e Aser – filhos de Zelpa, serva de Lia; José e Benjamin – filhos de Raquel; Dan e Neftali – filhos de Bala, serva de Raquel - Gn 46, 8-25).

A terceira aparece como a configuração de três palavras hebraicas que falam de uma forma particular de relacionar-se com Deus. A palavra *Is*, que significa homem, a palavra *Ra*, que se entende como ver – revelação -, e a palavra *El*, que faz referência a Deus. Desta forma, Israel é compreendido como: *Homem que vê a Deus* ou também *Deus que se revela ao homem*.

Desta forma, as pessoas que *viram a Deus*²⁴ podem ser chamadas *israelitas*, não porque tenham nascido no interior de uma comunidade judia, mas porque fazem parte de um grande povo ao qual Deus se revelou e elegeu para si²⁵ com algumas características que os distinguem claramente de todos os grupos religiosos, étnicos, políticos ou culturais da história²⁶.

Pelo que foi visto acima, podemos agora afirmar, sem qualquer dúvida, que fazemos parte do povo que Deus elegeu para salvá-lo; no entanto, também fica

²⁴ Entendendo como a maneira que a pessoa tem para expressar a forma como Deus se revelou a ele; porque não é o mesmo “ver a Deus cara a cara” do que “ver a face de Deus”. A primeira faz referência a uma forma de falar que denomina uma relação pessoal e íntima, tal como descrito no relato quando Moisés e Deus se encontram na Tenda do Encontro: “*Yahvéh (o Senhor) falava com Moisés cara a cara, como fala um homem com seu amigo*” (Ex 33,11a), mas a segunda seria fatal, pois o relato afirma que quando Moisés deseja ver a Deus, Ele lhe responde: “*não poderás ver meu rosto; porque o homem não pode ver-me e continuar vivendo*” (Ex 33,20).

²⁵ “*Pois bem, se de verdade escutais minha voz e guardais minha aliança, vós sereis minha propriedade pessoal entre todos os povos, porque minha é toda a terra*” (Ex 19,5). Ainda, deve-se ter em conta que “*Deus não pertence como propriedade a nenhum povo. Mas Ele adquiriu para si um povo daqueles que antes não eram um povo*” (Catecismo da Igreja Católica, 186).

²⁶ Mahecha, *El Shabat: una estrategia ecológica de Dios*, 439.

claro que nos dois milênios de história do cristianismo houve – e continua havendo – modos muito diferentes de abordar e entender a figura de Jesus.

Portanto:

O desafio é de apresentar Jesus de Nazaré como Cristo, porta de salvação, como uma proposta e não como uma alternativa única e imposta; porque isolada de uma reflexão séria, aparentemente convida a crer unicamente pela fé ou exclusivamente pela Escritura, esquecendo a realidade própria de cada pessoa²⁷.

Desta maneira, é conveniente concordar no momento que basta entender que a espiritualidade cristã é o encontro vivo com Jesus Cristo no Espírito. E neste sentido, a espiritualidade cristã se ocupa dos modos em que tais ensinamentos nos configuram como indivíduos que fazem parte da comunidade cristã que vive neste mundo²⁸.

2.2- O ensinamento de Jesus

O principal ensinamento que Jesus nos oferece é a vivência do Reino de Deus. Um conceito que não se explica, mas que nos evangelhos Ele mesmo aborda com exemplos:

- "*É semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou em seu campo*" (Mt 13, 31).
- "*É como um homem que lança o grão na terra*" (Mc 4, 26).
- "*É semelhante ao fermento que uma mulher toma e coloca em três medidas de farinha, até que tudo fermente*" (Lc 13, 21).

E para viver em plenitude esse Reino do qual Jesus fala, existem duas práticas fundamentais e correlacionadas, que não podem subsistir uma sem a outra, e que devem inspirar a atuação de todo cristão: a renúncia a si mesmo e o seguimento de Cristo, o qual fica explícito quando Jesus disse: "*Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz de cada dia e siga-*

²⁷ Mahecha, *Aproximación a los rasgos de una espiritualidad ecológica*, 67.

²⁸ Cunningham y Egan, *Espiritualidad cristiana*, 7.

me" (Lc 9, 23). Desta maneira, nos acercamos de uma perfeição à qual todo cristão se encontra chamado.

• **A renúncia a si mesmo**

A exigência que Jesus faz a este respeito é muito enérgica: trata-se de levar a própria cruz. Uma situação que no judaísmo encontra sustento pelo pecado original, pelo qual o homem deve combater as tendências desordenadas de sua natureza, e também que se sustenta no fato de que fora dele deve combater as sugestões do demônio (1Pe 5,8) e os escândalos do mundo (Mt 18,7), opondo uma resistência enérgica.

Por isso, para alcançar esta exigência, Jesus mesmo nos propõe: "*Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca*" (Mc 14,38). Uma atitude e uma ação própria e permanente de Jesus, que se evidencia no texto das *Tentações no Deserto* (Mt 4, 1-11)²⁹.

No entanto, esta renúncia tem diferentes graus, os quais vão desde o cumprimento da norma – Lei – como estratégia mínima para a convivência – e salvação – até a aspiração de uma perfeição cristã.

O exemplo é apresentado pelo mesmo Jesus quando fala com o jovem rico, para diferenciar a renúncia que foi imposta a todos e aquela que é exigida aos que aspiram a perfeição para alcançar o Reino de Deus:

Nisto se acercou a ele um jovem e lhe disse: "Mestre, que coisas boas devo fazer para conseguir vida eterna?" Ele lhe disse: "Por que me perguntas sobre o bom? Apenas um é o Bom. Mas, se queres entrar na vida, obedeça aos mandamentos." "Quais?" – lhe

²⁹Então Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo. Depois de fazer um jejum de quarenta dias e quarenta noites, sentiu fome. O tentador se aproximou e lhe disse: "Se és o Filho de Deus, ordene que estas pedras se convertam em pães". Mas Ele respondeu: "*Está escrito: Não só de pão vive o homem, mas sim de toda palavra que sai da boca de Deus*". Então o diabo o levou à Cidade Santa, o colocou sobre o pináculo do templo, dizendo: "*Se és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo, pois está escrito: Ele dará ordens aos seus anjos, e eles te sustentarão em suas mãos para que não tropeces em nenhuma pedra*". Jesus respondeu: "Também está escrito: *Não tentarás ao Senhor seu Deus*". De novo, o diabo o levou ao topo de uma montanha, lhe mostrou todos os reinos do mundo e sua glória, e lhe disse: "*Todas estas coisas eu te dou, se prostrado me adorares*". Então Jesus lhe disse: "Retira-te Satanás: porque está escrito: Adorarás ao Senhor teu Deus e só a Ele darás culto". O diabo finalmente o deixou. E então alguns anjos se aproximaram e se puseram a servi-Lo.

perguntou ele. Jesus respondeu: *"Não matarás, não cometerás adultério, não roubarás, não levantarás falso testemunho, honra teu pai e tua mãe, e amarás a teu próximo como a ti mesmo."* Disse-lhe o jovem: "Tudo isso obedeci. O que mais me falta?" Jesus lhe disse: "Se queres ser perfeito, anda, venda teus bens e dê-los aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, siga-me." (Mt 19,16-21).

Deve-se entender que a riqueza em si mesma não é ruim. De fato, a posse dos bens da terra, mantida dentro dos limites da justiça, é legítima. No entanto, o cristão que, como o jovem do evangelho, senta aspirações mais altas e um especial chamamento divino, está convidado a renunciar a eles, porque Jesus, como bom judeu, já o sabia, porque o recitava no Salmo 23,1: *"O Senhor é meu pastor, nada me faltará".*

É tão exigente a perfeição evangélica que não apenas é pedido renunciar às riquezas, mas também às coisas permitidas, como é o ter uma família. Daí o convite para tomar e levar a própria cruz, para caminhar sobre as pegadas de Jesus até a morte se for necessário, como caminhou Ele mesmo. E nisto consiste o seguimento: dar até mesmo a vida.

É a eles a quem se refere quando afirma:

Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós. (Mt 5,11-12).

Esta é a renúncia resumida na frase que disse a Tiago e João quando iam para Jerusalém: *"As raposas têm covas, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça"* (Lc 9, 58). E quem conhece a história de Jesus, sabe que estas não são apenas palavras, mas sim fatos concretos que são evidenciados desde o seu nascimento em um casebre até sua morte na cruz no Calvário.

• O seguimento de Cristo

O seguimento de Jesus, o Cristo, não é menos exigente que a renúncia a si próprio, a qual é pedida por Jesus a seus discípulos, precisamente como requisito para segui-lo.

Disse a outro: "Siga-me." Mas ele respondeu: "Deixe-me primeiro ir sepultar meu pai". Replicou Jesus: "Deixe que os mortos sepultem seus mortos. Tu anunciarás o Reino de Deus." Houve outro que lhe disse: "Vou seguir-te, Senhor, mas deixa-me primeiro despedir-me da minha família." Jesus respondeu: "Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus." (Lc 9,59-62)

E ainda que para algumas pessoas este chamado pareça muito rigoroso e estrito, relatos - como o chamamento dos quatro primeiros discípulos - recolhem o testemunho daqueles cristãos – quer dizer, seguidores de Cristo –, os quais, por sua atitude de viver verdadeiramente sua fé, não lhes é difícil responder ao chamado que Jesus faz para viver o Reino de Deus.

Caminhando junto ao mar da Galileia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro e seu irmão André, os quais lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes: "Vinde comigo, e eu os farei pescadores de homens". Eles deixaram imediatamente a rede e o seguiram. Continuou caminhando e viu outros dois irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e seu irmão João, que estavam num barco com seu pai Zebedeu consertando suas redes; e os chamou. Eles deixaram imediatamente o barco e seu pai e o seguiram (Mt 4,18-22).

Este testemunho deixa bem evidente que o chamado para o seguimento de Cristo não é algo para uns poucos, mas sim que é aberto para todos aqueles que realmente queiram alcançar o Reino de Deus.

E o exemplo se encontra no interior da mesma comunidade judaica da época, que não podia crer que fosse possível que um publicano, arrecadador de impostos, como Levi, respondesse ao chamado de Jesus: "Disse-lhe: "Siga-me", e ele, deixando tudo, levantou-se e o seguiu" (Lc 5,27-28).

Por isso que muitas pessoas, em seu desejo de realizar um verdadeiro seguimento de Cristo, alcançaram a santidade, praticaram a renúncia de si mesmo de uma maneira efetiva.

No caso de Santo Antonio Abade, que depois de ouvir casualmente em uma igreja o texto do jovem rico (Mt 19,16-21), vendeu todos seus bens, entregou o valor dos mesmos aos pobres e retirou-se no deserto³⁰.

De fato, grandes mestres da vida espiritual, como São Francisco de Sales, ensinam que qualquer que seja o estado e condição de nossa vida, religiosa ou laica, de solteiro ou de casado, “*podemos e devemos aspirar à vida perfeita*”³¹.

Inclusive, o Concílio Vaticano II expressou com toda clareza e energia:

É, pois, completamente claro que todos os fiéis, de qualquer estado ou condição, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade, e esta santidade suscita um nível de vida mais humano, inclusive na sociedade terrena. Para a busca desta perfeição os fiéis empenham as forças recebidas, segundo a medida da doação de Cristo³².

Com esta declaração acima, ficamos convidados – para não dizer obrigados –, todos os cristãos, a buscar insistente e o seguimento de Cristo, para com isso alcançar a santidade e a perfeição dentro do próprio estado de vida em que vivemos.

2.3- A importância da oração

A renúncia de si mesmo e o seguimento de Cristo são um binômio com o qual o cristão, sem dúvida, alcançará o Reino de Deus anunciado por Jesus. E é

³⁰ San Atanasio, *Vida de San Antonio Abad*, 4. Para consultar el texto original: http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/0295-0373_Athanasius_Vida_de_San_Antonio_Abad_ES.pdf

³¹San Francisco de Sales, *Introducción a la vida devota*, 3.

³²Lumen Gentium, nº. 40.

aqui que fica evidente a importância e o poder que a oração tem para o cristão que aspira alcançar a santidade e a perfeição.

Esta é a fórmula recomendada por Jesus, a qual colocou em prática em diversas oportunidades, e que coloca o cristão em comunicação íntima com Deus.

Pedi e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á; porque qualquer que pede, recebe; e quem busca, acha; e a quem bate, abrir-se-lhe-á. Qual pai dentre vós que, se o filho lhe pede pão, lhe dará uma pedra? Ou se lhe pede um peixe, lhe dará em vez do peixe, uma serpente? Ou se lhe pede um ovo, lhe dará um escorpião? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai Celestial dará o Espírito Santo a aqueles que o pedirem? (Lc 11,9-13).

De fato, “*pouco depois da morte de Jesus, a existência de diversos grupos de seus discípulos, que coincidiam em reivindicar sua memória e sentir-se vinculados a Ele, ainda que com formas e características diversas*³³”, começam a testemunhar que a espiritualidade cristã não é simplesmente uma filosofia abstrata ou um código de crenças, mas sim que pressupõe uma forma de viver, onde a oração é um elemento nuclear.

A V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe, celebrada em maio de 2007 em Aparecida – Brasil, expressou-se da seguinte maneira:

Em um mundo sedento de espiritualidade e consciente da centralidade ocupada pela relação com o Senhor em nossa vida de discípulos, queremos ser uma Igreja que aprende a orar e ensina a orar. Uma oração que nasce da vida e do coração e é ponto de partida de celebrações vivas e participativas que animam e alimentam a fé³⁴.

Mas, deve ser levado em conta que, mesmo quando os evangelhos narram que Jesus chamou muitos discípulos de maneira individual, a experiência concreta

³³Aguirre, *Así empezó el cristianismo*, 41.

³⁴Aparecida, 28.

de seguimento sempre aconteceu em uma comunidade que caminhava com Ele.

Portanto, ainda que cada pessoa deva responder de maneira individual a este chamado, a resposta implica em unir-se a uma comunidade que dá testemunho dos feitos de salvação do Senhor em sua vida, morte e ressurreição.

Desta maneira, a renúncia a si mesmo e o seguimento de Cristo é um chamado para pertencer a uma comunidade, porque:

É na comunidade reunida, na que se prega a palavra e se reparte o pão, onde a memória da vida, da morte e da ressurreição de Cristo é rememorada, recordada, reapresentada e proclamada. Lucas proporciona um breve esboço desta comunidade de discípulos: “Se mantinham constantes no ensinamento dos apóstolos, na comunhão (em grego: *koinonia*), na partilha do pão e nas orações” (Atos 2,42).

A espiritualidade dos cristãos, ainda que represente grandes exigências individuais a cada pessoa, não é expressa por completo na vida de nenhum indivíduo. A autêntica espiritualidade cristã deve ter um caráter eclesial.

Uma das múltiplas funções da eucaristia consiste em configurar a comunidade que confessa que Jesus é seu Senhor.

Os discípulos cristãos se reúnem para participar na ceia do Senhor com o fim de reapresentar seus atos de salvação em um tempo e lugar, e com o fim de afirmar que têm um propósito comum.

De fato, poderíamos dizer que uma forma de entender a natureza missionária da Igreja é sustentar que, como discípulos de Jesus, nossa tarefa é convidar outros a participar nesta mesa³⁵.

³⁵ Cunningham y Egan, *Espiritualidad cristiana*, 13.

PARA A REFLEXÃO

- 1) Qual é a diferença entre uma espiritualidade cristã e qualquer outra espiritualidade?
- 2) Você se lembra da maneira de entender Israel? Qual é a que você mais se identifica e por quê?
- 3) O principal ensinamento de Jesus se centraliza na pregação do Reino de Deus. O que você entende por Reino de Deus?
- 4) A renúncia de si mesmo que Jesus faz é uma referência importante para todo cristão. Para você seguir Jesus Cristo, a que você renunciou ou estaria disposto a renunciar para alcançar o Reino de Deus?
- 5) É afirmado que para renunciar a si mesmo e seguir Cristo é muito importante a oração. Você acredita que sua oração, tanto pessoal como conjugal, contribui para este propósito?

MESA 3

A ESPIRITUALIDADE CONJUGAL



Quando o tema do matrimônio chega a uma conversa, com muita frequência são feitas piadas e alusões negativas ao mesmo. Inclusive,

Alguns falam de seu casamento como quem conta uma anedota de uma noite de bingo: “tive a sorte – a má sorte – de casar-me com...”. Assim, parece que todas as vicissitudes de uma longa vida de casamento ficam esclarecidas definitivamente, como se a felicidade do casal estivesse pendente da situação de uma estrela. Sempre é o “outro” que traça o destino de seu casamento³⁶.

Por exemplos como o acima, é que se justifica falar de espiritualidade conjugal, pois é necessário entender o matrimônio como um sacramento, já que a união do homem e da mulher – no caso da Igreja Católica – não é algo acidental que acontece na vida por causas fortuitas.

Pelo contrário, compreender o matrimônio como um sacramento permite entender que este é o campo – a terra fértil – no qual Deus semeia a semente do seu amor, para que germe e dê abundantes frutos.

Portanto, o matrimônio é um caminho para buscar a santidade e se apresenta como vocação para a grande maioria dos filhos de Deus.

Pode-se afirmar, então, que o matrimônio é um sacramento muito grande, como o afirmou em seu breve pontificado João Paulo I:

³⁶Navarrete, *Para que tu matrimonio dure*, 13.

No século passado havia na França um professor notável, Federico Ozanam; ensinava na Sorbonne, era eloquente, estupendo. Tinha um amigo, Lacordaire (sacerdote dominicano) que costumava dizer: “Este homem é tão estupendo e tão bom que se fará sacerdote e chegará a ser um bispo!” Mas não. Encontrou uma senhorita excelente e se casaram. Lacordaire não gostou e disse: “Pobre Ozanam! Também ele caiu na armadilha!” Dois anos depois, Lacordaire foi a Roma e foi recebido por Pio IX; “Venha, venha, padre – lhe disse, eu sempre ouvi dizer que Jesus instituiu sete sacramentos; agora Vossa Excelência vem, embaralha as cartas e me diz que instituiu seis sacramentos e uma armadilha. Não, padre, o matrimônio não é uma armadilha, é um sacramento muito grande”³⁷.

3.1- O fundamento da espiritualidade conjugal

A revelação da realidade trinitária de Deus em Jesus é, em si mesma, um convite para encontrar a resposta ao maior anseio dos seres humanos: sentir-se amado, ter um lugar para a realização desse amor e transcender no tempo, dando significado à sua vida. Desejos tão antigos quanto a própria humanidade.

O destacado filósofo grego Platão, famoso por sua maneira aguda de compreender a natureza humana, apresenta em seu diálogo *“Simpósio ou do Amor”*³⁸ um relato em que pleiteia que antigamente a humanidade era composta de seres andróginos – masculinos e femininos ao mesmo tempo –, providos de duas cabeças, 4 braços e 4 pernas, que possuíam uma força descomunal e um orgulho desafiador para com seus deuses.

Como resultado disso, os deuses, com a ajuda específica de Apolo, separam os andróginos, ficando o umbigo como evidência desta operação. Então, a vida se torna impossível para cada parte, pois cada uma conclui que não pode viver sem a outra, motivo pelo qual Zeus se apieda e permite um acasalamento e a satisfação do desejo. Como consequência disso e da relação das partes,

³⁷João Paulo I, *Audiencia General*, 13 de septiembre de 1978.

³⁸Platão. *Diálogos*, 382.

começa a surgir e a se aperfeiçoar o amor, que não é senão a busca da unidade perdida e da fortaleza vital.

Este relato mítico apresenta uma metáfora maravilhosa da impactante realidade dos seres humanos, totalmente carentes, incompletos e necessitados uns dos outros; e, no entanto, tolamente autossuficientes, egoístas e facilitadores na hora de encontrar motivos de felicidade.

Um ser humano que crê falsamente que será feliz tão somente com a satisfação de seus desejos – impulsos primários –, com a pobre compensação de ser possuidor de objetos, propriedades e/ou títulos, ou buscando prestígio e fama, chega a experimentar de forma paradoxal um vazio ainda maior e a infelicidade, tal como expressado pelo famoso psicólogo humanista Viktor Frankl:

O prazer tampouco é primariamente em nenhum caso, ou apenas excepcionalmente, o objetivo da ação humana; esta aponta primariamente ao cumprimento do sentido e à realização dos valores; mas o prazer sozinho pode produzir-se e, se produz, quando se tenha preenchido o sentido e realizados os valores... Em uma palavra, sua plenitude existencial... O contrário seria o vazio existencial³⁹.

Nós, seres humanos, nos debatemos continuamente entre estas forças que nos colocam em tensão; por um lado, experimentar a necessidade dessa presença amorosa de um alguém especial, que em um momento da vida surge como que magicamente. É quando nos sentimos enamorados e sentimos que devemos lutar por esse amor, para que, como no mito grego, possamos sentir que, por fim, estamos completos.

Mas, o outro polo da tensão é realmente o problemático. É a busca de nossa identidade individual; do Eu; da necessidade de autoafirmação; do eu posso sozinho(a).

³⁹ Frankl, *El hombre doliente*, 29.

Este polo é o que pode nos levar a que deixemos de pensar no tolo dito popular, mas exaltado pela sociedade moderna: é melhor sozinho do que mal acompanhado.

Isto nos leva a um profundo egoísmo e a uma autossuficiência negativa, que não permite reconhecer que:

Os homens e as mulheres formam casais e se casam para satisfazer a necessidade que a pessoa humana tem de amar e ser amado, para ter filhos e formar uma família, para crescer como pessoas, para sentir-se seguros, reconhecidos, para viver o sexo, para deixar finalmente a casa dos pais... Com quanta diversidade de palavras pode ser escrito o começo desse romance que é o encontro de cada casal⁴⁰.

No entanto, nesta realidade nem tudo é plenitude; muitos lares vivem abalados pelo estresse e pelas incertezas derivadas das grandes mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais. Além de viver no meio de altos níveis de agressividade, que em não poucas ocasiões terminam em violência verbal ou física.

E, neste contexto, a vida a dois é um espaço de tensão entre polos, onde a espiritualidade conjugal surge como o caminho de harmonia entre eles, para que o casal consiga essa realização transcendental que todos ansiamos.

Compreendemos então – porque o experimentamos –, que não é fácil conseguir esta meta de desenvolvimento espiritual a dois; não se trata tampouco de suprimir as tensões próprias da convivência matrimonial, já que isso é impossível. Mais ainda: a proposta de viver a dois essa dimensão espiritual é um convite para caminhar em um sentido pleno de realização humana.

Deus é Amor e houve por bem nos revelar seu ser de muitas maneiras: na natureza, onde descobrimos que sua vida acontece em abundância; em sua

⁴⁰ Navarrete, *Para que tu matrimonio dure*, 50.

presença protetora, como descobriu o povo de Israel; de maneira clara em Jesus Cristo, presença amorosa do Pai; e nos dons abundantes que recebemos em união com o Espírito Santo.

Deus, em sua realidade trinitária, nos convida a viver de maneira plena nossa relação conjugal e sermos mutuamente doadores de vida, dando assim testemunho da vida de Deus em nós.

Visto desta forma, a espiritualidade conjugal nos coloca em sintonia com o ser amoroso de Deus. Permite-nos descobrir a cada dia seu convite para sermos comunidade, reflexo da comunidade trinitária de Deus. Só assim descobriremos que somos responsáveis um pelo outro, pois estes laços são dons de Deus.

3.2- A espiritualidade conjugal: um processo dinâmico de encontro com Deus

A espiritualidade vivida a dois é um caminho que é feito passo a passo; não é algo mágico ou uma capacidade de orar que se tem ou que não se tem, mas é fruto de um processo, um verdadeiro cultivo, uma aproximação contínua que nos permite conhecer essa vontade amorosa de Deus para mim e por meu cônjuge.

Um exemplo maravilhoso desse buscar a Deus continuamente encontramos no texto do profeta Elias quando vai ao encontro com Deus no monte Horeb:

Disse-lhe: “Sai e põe-te neste monte perante o Senhor”. E eis que passava o Senhor. Houve um furacão tão violento que fendia os montes e quebrava as rochas diante do Senhor; porém o Senhor não estava no furacão. Depois do furacão um terremoto; mas o Senhor não estava no terremoto. Depois do terremoto um fogo; porém não estava no fogo o Senhor. Depois do fogo, sussurro de uma brisa suave. Ao ouvi-lo, Elias cobriu seu rosto com o manto, saiu e se pôs na entrada da caverna. E sucedeu que, ouvindo-a Elias, envolveu o seu rosto na sua capa, e saiu para fora, e pôs-se à entrada da

caverna; e eis que veio a ele uma voz que dizia: Que fazes aqui, Elias?" (1Re 19, 11-13)

Deus faz ao profeta uma pergunta fundamental: "Que fazes aqui?" E parafraseando a pergunta, poderíamos colocar a seguinte interrogação: O que fazes aqui com teu cônjuge? O que fazem aqui? Estamos te buscando, Senhor. Esta será, seguramente, a resposta de muitos de nós casais cristãos.

E teríamos que perguntar também: E onde estamos buscando a Deus? No furacão violento que fende as montanhas e quebra as rochas? Ou em um terremoto? Ou no fogo devorador?

É possível que estas sejam as buscas de muitas pessoas em nosso mundo atual, onde competir e ganhar a todo custo, ser reconhecido como o líder absoluto, ser o primeiro e não deixar nada para ninguém, se constituem em buscas equivocadas, baseadas no ter, no poder ou no prazer egoísta.

Mas, o que diz o texto? O Senhor não estava no furacão, nem no terremoto, nem no fogo... e sim na brisa suave.

Ou seja, Deus se encontra em uma espiritualidade que é cultivada pouco a pouco, suavemente. Como esses campos cheios de belas flores coloridas, que ao crescer não fazem barulho e, no entanto, estão plenas de vida e transformação, diferentemente das rochas que rolam por uma ladeira fazendo muito barulho e causando destruição e morte.

O amor que compartilhamos, a aceitação dos pontos fracos do outro, a atenção amorosa às necessidades de nossos filhos, e mil detalhes mais, representam essa brisa suave e cotidiana onde Deus se manifesta e se faz presente.

É onde também estamos cultivando nossa espiritualidade conjugal? Somos chamados, então, a ser contemplativos da ação de Deus, no meio de nossas ações cotidianas.

3.3- A espiritualidade conjugal vivida em sua dimensão sacramental

A espiritualidade conjugal, vivida não como um contrato do tipo civil, ou como uma instituição de tipo social, mas sim como um sacramento, entrega quatro graças ou dons para serem aproveitados a dois: a irradiação, a elevação, a cura e a fecundidade.

A irradiação é a graça que recebemos para iluminar com luz própria – primeiro o meu cônjuge e depois os demais – o caminho de uma vida onde se faz transparente o amor de Deus.

A elevação é a graça que recebemos para ajudar ao outro quando, por algum motivo, se sente cansado, desmotivado, a ponto de cair. É a oportunidade de intervir e levantá-lo – elevá-lo com e para Deus.

A cura é a graça que recebemos para aliviar o outro quando nessas discórdias cotidianas nos ferimos. Ninguém mais pode fazê-lo, a não ser quem foi ferido e decide perdoar.

E, finalmente, a *fecundidade* é a graça que recebemos não apenas para procriar, mas também para acompanhar-nos e cuidar-nos, para que, quando os filhos e filhas se vão, alguns sem dizer adeus, possamos evitar que o frio da solidão golpeie nosso coração⁴¹.

Desta maneira, pode-se constatar que toda espiritualidade cristã – por estar o Espírito Santo em nós – tem que ser encarnada.

Deus se comunica conosco porque historiciza (confere sentido ou caráter histórico aos fatos do cotidiano); portanto, na relação do casal é requerido este contar com o outro, não em termos de uma finalidade empresarial, mas sim na

⁴¹ Parte da canção *El camino de la vida*, do compositor colombiano Héctor Ochoa Cárdenas; obra eleita por votação nacional em concurso convocado pela RCN Radio, como a canção colombiana do século XX.

busca de um propósito comum. Portanto, para entender o sacramento do matrimônio é necessário materializá-lo; ou seja, representá-lo de alguma maneira.

Assim como no batismo, o submergir na água significa submergir-se em Cristo; ou, a entrega de Cristo é observada na Eucaristia, no pão e no vinho; e ainda, no matrimônio, o amor fiel do casal, que é exclusividade de entrega, expressa o sim do amor de Deus em fidelidade para cada ser humano, razão pela qual todas as manifestações deste Amor os santificam.

Isto é o que se encontra na base do que disse São Paulo a respeito da relação de Cristo com a Igreja – e, portanto, de Cristo com a humanidade –, que é como um casamento: de uma vez e para sempre.

Isto é uma confissão de fé da Igreja, onde fica evidente que não há imposição de um sobre o outro, e a partir da qual Jesus nos convida a viver essa dimensão de encarnação lendo essa realidade histórica, levando-a à oração, confrontando-a com o que Deus quer e discernindo em meio da realidade concreta dos homens, para continuamente tomar decisões.

Nisto consiste o seguimento de Jesus tanto a nível individual como em casal. Por um lado, no momento da oração de discernimento, no momento em que o Espírito Santo nos vai transformando, dando mais espaço ao sentimento do que à racionalidade.

O ideal é poder fazer-nos cada vez mais como Jesus, que é um ser de grande sensibilidade e o expressa de maneira autêntica. Esta é a dimensão pascoal que na vida cotidiana é expressa na simplicidade de vida e na entrega do dia a dia.

Devemos ser conscientes que buscar a vontade de Deus traz conflitos; mas devemos saber também que não estamos sozinhos para enfrentá-los; que é da mão de Deus – que nos ajuda –, que podem ser solucionados.

Desta maneira poderemos celebrar a ação de Deus em nossas vidas. E descobri-lo através de uma entrega gratuita e generosa do amor, que é a única maneira de responder a Ele para comunicar vida e vida em abundância.

Parece uma obviedade⁴², mas a espiritualidade conjugal acontece quando há o sentido de união conjugal. Ou seja, quando os cônjuges se encontram. Mas há pelo menos três maneiras de vivê-la:

- a) União livre.
- b) Casamento civil.
- c) Matrimônio como sacramento.

Qualquer destas maneiras gera e se fortalece em uma espiritualidade conjugal; mas apenas a última é a que se fundamenta com a presença de Deus, no momento de ser chamado a compartilhar nosso mútuo amor.

Deve-se deixar claro que não se quer afirmar que Deus não está presente na vida das demais uniões, mas que é substancialmente diferente o convite de maneira explícita, que é o que é feito através do sacramento, ao invés de supô-lo, que é o que acontece nas demais.

Portanto, é importante reconhecer que o matrimônio assumido como sacramento, como tal não se diferencia de outro matrimônio; mas, a partir da fé, se configura como a realidade mais perfeita, na qual é revelada a verdade do único matrimônio inscrito no plano de Deus, para o qual os casais de noivos são chamados a viver⁴³.

⁴²Quer dizer, uma coisa é tão sabida e conhecida que resulta tolo dizê-la.

⁴³Ver Larrabe, *El matrimonio cristiano en la época actual*, 34.

Mas todo sacramento implica um ato de fé. Ou seja, um ato de vontade. Um querer que Deus esteja presente. Um ato que supera os limites da razão e se converte em uma experiência de vida – como, por exemplo, aprender a nadar ou constatar a germinação de uma semente.

Isto é algo que se experimenta maravilhosamente no momento do matrimônio, pois não apenas parte do fato concreto de uma decisão pessoal no momento de dar o "sim", mas também que são os dois, homem e mulher, que celebram este sacramento.

Por isso, ainda que o sacerdote seja somente uma testemunha de tal união, se converte pela fé na mais excepcional das testemunhas; porque, ao exercer seu ministério sacerdotal, se converte na presença de Deus vivo que se compromete conosco como casal.

Desta maneira, o sacramento do matrimônio não termina com o rito, quando o sacerdote – o próprio Deus – nos diz: os declaro marido e mulher.

Pelo contrário, é nesse momento que começa a ser vivido e celebrado o sacramento, para fazer-se vivo e atual "com nosso eu de cada dia".

Para conseguir este cultivo espiritual que nos permitirá um verdadeiro discernimento, é indispensável que o casal dedique um tempo real para orar cotidianamente.

Não é suficiente o esforço de um só; a oração é a matéria prima da espiritualidade conjugal.

PARA A REFLEXÃO

- 1) A primeira parte da leitura faz referência a situações cotidianas que todos escutamos sobre o matrimônio. Quais anedotas, piadas ou situações você se recorda a respeito?
- 2) Quando se faz referência ao fundamento da espiritualidade conjugal, é abordado um texto de Platão. Tal relato mítico te convida a que?
- 3) Com o matrimônio é gerado um projeto comum de vida. Como você propõe viver a tensão que isto gera, a respeito da busca de uma identidade e desenvolvimento pleno do indivíduo?
- 4) É afirmado que a espiritualidade conjugal é um caminho que se realiza passo a passo. Como foi esse caminhar com seu cônjuge?
- 5) O requisito para pertencer às ENS é ter um matrimônio católico. No entanto, está claro para você o que significa a vivência desta união como sacramento?

MESA 4

A ESPIRITUALIDADE CONJUGAL: CORAÇÃO DAS EQUIPES



Álvaro e Mercedes Gómez-Ferrer Lozano, são um matrimônio de Valencia – Espanha, que pertence às ENS desde 1966. Formam um casal reconhecido não apenas por sua dedicação ao Movimento, testemunhado nos diversos serviços que prestaram, mas também que ainda têm a sorte de ter conhecido o Pe. Henri Caffarel, fato que lhes permite falar com autoridade de um tema tão importante, como o título que aparece nesta mesa, e que é o título de uma de tantas palestras que compartilharam com os equipistas de todo o mundo.

Pelo que foi dito acima, é que quisemos tomar o texto elaborado por eles, para tê-lo como fio condutor, junto com alguns textos selecionados do Pe. Caffarel, já que, como abordado no capítulo anterior, entender o matrimônio a partir de sua dimensão sacramental, que consagra a relação entre homem e mulher em sua forma conjugal, revela-se como sinal da relação de Cristo com sua Igreja.

Contém um ensinamento de grande importância para a vida da Igreja, a qual deve chegar por meio dela mesma ao mundo de hoje; todas as relações entre o homem e a mulher devem inspirar-se neste espírito. A Igreja deve utilizar esta riqueza cada vez mais plenamente⁴⁴.

4.1- A espiritualidade conjugal

O amor a Deus e o amor conjugal provêm da mesma fonte, participam de um mesmo Amor. É impressionante pensar que cada um de nós descobre melhor o que é o amor de Deus graças às atitudes de amor que o outro tem para com ele.

⁴⁴ João Paulo II, *Christifidelis Laici*, nº 52.

Claro que o amor de Deus ultrapassa nosso amor de casal. E isso faz com que sempre fique um pequeno vazio, um anseio de mais, no mais profundo de nossa relação conjugal. Esse vazio não é culpa do outro. Apenas o encontro definitivo com o Amor total acalmará esta fome insaciável de amor que, inevitavelmente, e por muito que queiramos, todos arrastamos.

Por outro lado, no momento de nossa boda sacramental, decidimos percorrer juntos "*um caminho de santidade, algo necessariamente criativo e com muito a dizer aos homens, nossos irmãos*"⁴⁵.

Talvez não o tenhamos decidido totalmente conscientes; é possível que tenha havido muita ingenuidade do nosso lado, mas também havia muita generosidade. Temos que desenvolver essa atitude inicial de confiança. É como aquele que tem um cofre com tesouro do qual pode ir tirando coisas maravilhosas ao longo da vida, mas se não é consciente de tê-lo ou se não quiser fazer o esforço de abri-lo, pode não chegar a descobrir esse tesouro nunca.

A espiritualidade conjugal que descobrimos nas Equipes é, pois, o sentido que danos à nossa vida diária, a orientação com que vivemos os acontecimentos que nos são apresentados, as opções que tomamos, ou seja, o projeto comum de vida que construímos juntos. Como casal cristão, vamos comparando esse projeto com o que nos diz e sugere a Palavra de Deus.

Essa Palavra nos ajuda a moldar e a purificar nosso projeto, para acomodá-lo cada vez mais à vontade de Deus. Em segundo lugar, a espiritualidade conjugal nos empurra a buscar a verdade sobre nós mesmos e sobre o outro. O fato de ter falado muito de noivos não significa que já vivemos na verdade para sempre e que já nos conhecemos totalmente.

A busca da verdade é um esforço de toda a vida, porque mudamos e nossa relação também muda ao longo dos anos. O outro é um ponto de referência inestimável para nós; é, às vezes, o interpelador que desmascara tantas autojustificativas; é sempre o companheiro nessa busca compartilhada por nos

⁴⁵Iceta, *Vivir en pareja*, 54.

conhecermos mais, por nos compreendermos melhor, por nos aproximarmos juntos à Verdade.

A espiritualidade conjugal nos conduz, finalmente, a uma maior comunhão, a um encontro sempre renovado entre nós, feito de partes iguais de esforço e criatividade. O amor não é apenas um sentimento. É também adesão da vontade profunda. Por vezes não sentimos que amamos, mas sabemos que amamos e, sobretudo, que queremos amar.

Queremos que nosso amor dure, queremos superar as crises, queremos ser fiéis, queremos viver nossa sexualidade na qualidade de um encontro entre pessoas e não na insatisfação ou na rotina.

A espiritualidade conjugal aparece também em todas as relações simples e diárias que são estabelecidas entre nós, pelo fato de sermos homens e mulheres. *"A espiritualidade conjugal recebe sua especificidade do caráter sexual do sacramento do matrimônio"*⁴⁶.

A espiritualidade conjugal não é, pois, algo alheio à vida, mas sim a própria vida como um novo enfoque.

Esse enfoque nos leva a buscar juntos a vontade de Deus, a verdade e a comunhão. Dito assim assusta um pouco. Mas a tudo se chega por passos sucessivos; o importante é que o objetivo esteja claro e a pedagogia seja a adequada. As orientações que o Movimento propõe a cada seis anos, por exemplo, nos vão assinalando atitudes sucessivas para a assimilação concreta dessa espiritualidade.

Todas as espiritualidades que existem na Igreja têm, em última instância, o mesmo objetivo: viver segundo o Espírito de Cristo.

A especificidade de cada espiritualidade reside na força particular com que destaca tal ou qual aspecto, tal ou qual atitude, e, sobretudo, na pedagogia, nos métodos que utiliza. Há uma relação estreita entre espiritualidade e pedagogia.

⁴⁶Segunda Inspiração, nº 2.1.

Segundo a pedagogia que se escolhe, se cria um tipo de espiritualidade diferente. Não é obtido o mesmo tipo de espiritualidade com uma pedagogia individualista ou com uma comunitária, indutiva ou dedutiva, orientada à comunicação ou à interiorização.

A espiritualidade conjugal tem uma pedagogia baseada na comunicação, na oração, no perdão e na celebração.

Essa pedagogia, que foi descoberta pelas Equipes de Nossa Senhora, foi traduzida em uma proposta que é conhecida como os Pontos Concretos de Esforço – PCE:

- a) A escuta da Palavra.
- b) A meditação.
- c) A oração conjugal.
- d) O dever de sentar-se.
- e) A regra de vida.
- f) O retiro anual.

Esta pedagogia permite ao casal descobrir a espiritualidade conjugal, que constitui o coração das ENS. Sua essência. Por quê?

A organização pode ser diferente, a pedagogia, as funções dos quadros, as regras poderiam ser modificadas, e as Equipes de Nossa Senhora não seriam radicalmente transformadas; mas se a espiritualidade conjugal for suprimida ou substituída por outra espiritualidade, do tipo monástico ou de celibato, por exemplo, o Movimento estaria acabado. Tudo perderia seu sentido: pedagogia, enquadramento, obrigações..., pois o único sentido que tudo isso tem é em relação à espiritualidade conjugal⁴⁷.

Pelo que diz acima o Pe. Caffarel, é que temos que estar atentos para reconhecer que, por mais que estejamos racionalmente convencidos sobre a importância da espiritualidade conjugal, não a incluiremos em nossa vida de casal se não utilizarmos assiduamente estas propostas concretas.

Sem método nos perderemos em indefinições ou tudo ficará como declaração de boas intenções.

⁴⁷ENS, *Padre Henri Caffarel: Destellos de su mensaje*, 62.

Exercitar-nos em uma pedagogia conjugal, compreendendo bem a intenção profunda de cada PCE, nos fará crescer como casal.

Os pontos concretos de esforço exigem, por parte de cada um dos esposos, assim como do casal, um compromisso por vezes difícil de assumir. Não são algo que se impõe; e cada um se compromete a praticá-los voluntariamente. Só um, se veria tentado a abandonar o esforço; e é por isto que cada um solicita a ajuda e o ânimo do seu cônjuge e da sua equipe.

Os pontos concretos de esforço são um convite para:

- Escutar assiduamente a "Palavra de Deus".
- Encontrar-se diariamente com Deus em uma meditação: "a oração pessoal".
- Rezar a dois, marido e mulher todo dia: "a oração conjugal" e, se possível, em família: "a oração familiar".
- Encontrar todo mês um tempo para fazer um verdadeiro diálogo conjugal: "o dever de sentar-se".
- Estabelecer esforços pessoais: "a regra de vida".
- Fazer todo ano "um retiro"⁴⁸.

Todos estes pontos têm como denominador comum o fato de que liga todos à comunicação.

Falamos facilmente sobre o que fazemos, mas dificilmente sobre o que pensamos, raramente sobre o que sentimos.

Aprender a escutar e a dialogar é uma arte que exige de nós um compromisso sério, assiduidade, seguir certas regras, etc. Exige de nós também revestirmos-nos de outro espírito e começar nossas "sentadas" dando-nos conta de que, inclusive, ainda que não o invoquemos, o Senhor está presente entre nós, que Ele nos ajuda a descobrir o que havíamos guardado no mais profundo do coração, que nos dá forças para não deixar que apodreça no ressentimento e no silêncio o que nos causa danos; que nos dá também a ternura para manter um diálogo no qual não faltam as "carícias" – um olhar cheio de admiração ou de amor pelo outro, palavras que digam tudo o que descobrimos de bom em nossa relação de casal.

⁴⁸ENS, Guía, 23.

Essa mesma comunicação nos prepara para melhor nos aproximarmos do tema da oração, pois a oração é também um diálogo de pessoa para pessoa com Cristo. Mais importante ainda que o fato de nós falarmos, é que acolhemos e escutemos as palavras Daquele que nos ama e que nos busca.

A oração conjugal não é tanto meditar sobre temas elevados ou ler magníficos textos espirituais, mas sim, sobretudo, dirigirmo-nos todos juntos a Deus e refletir juntos perante Ele sobre as questões mais importantes de nossa vida e de nosso amor. Quanto ao perdão, não constitui um dos métodos das Equipes de Nossa Senhora, mas todos os outros nos preparam e nos levam a recorrer a ele.

Machucados pelas feridas da vida, pelo mal que fazemos e que não queríamos fazer, machucados pelas inevitáveis crises de crescimento de nosso amor... temos que aprender a perdoar e a pedir perdão. Recorrer ao perdão é também "dizer o bom". Tantas vezes dizemos o mal, que convém compensar de vez em quando... O sacramento da reconciliação tem hoje pouco sucesso. No entanto, nossa Igreja Católica conhece bem a natureza humana. Por que não recorrer a essa certeza total de nos sentirmos perdoados, que o sacerdote nos garante da parte da Deus?

As ENS, ao marcar tempos concretos para a concentração, a oração, os exercícios, etc., nos assinalam como é importante a celebração. Celebrar é recordar: palavras, momentos, dias, acontecimentos, lugares. Esquecemo-nos de lembrar tudo o que o outro fez por nós e tudo o que nos quis.

Quantas vezes o lembrar juntos momentos de união desbloqueou situações de isolamento. Celebrar é também nos encontrarmos com uma maior intensidade para compensar a vida diária que nos empurra para fazer atividades paralelas, propormos uma conversa, uma saída, uma reunião, um passeio, uma pequena viagem.

4.2- Dar testemunho a outros casais

Apesar de nossa pobreza e de nossas passividades, Deus nos escolheu e nos colocou entre os homens para sermos a presença viva de seu amor. Todo cristão é um eleito, um escolhido para dar testemunho de uma missão.

Pelo batismo, o cristão se transforma em um enviado para fazer presente a salvação entre os homens.

Mas pelo sacramento do matrimônio, os casais cristãos penetram mais profundamente no tecido da existência. São sementes de transformação, ponto de referência do encontro dos homens com o Absoluto, pois Deus os escolheu para ser sua imagem no longo caminho da busca comum de respostas a suas angústias⁴⁹.

Não se trata tanto de difundir as ENS para que cresçam, nem de "dar uma surra" moral ou teológica sobre o matrimônio cristão aos "trancos e barrancos", mas sim de dar ciência do que vivemos graças às ENS.

Fazer ver que, apesar se nossas debilidades e fraquezas, retrocessos e caídas, para nós como casais, a espiritualidade conjugal foi fundamentalmente isso, uma boa notícia, porque nos uniu mais, nos fez mais felizes, mais conscientes de nossa fé, mais próximos dos demais.

Nosso amor conjugal pode ser *"um testemunho para os homens, dando provas evidentes de que Cristo salvou o amor"*⁵⁰. Não podemos dar ciência a outros casais com as mesmas palavras que tantas vezes são utilizadas em documentos e textos clericais. Essas palavras e esses argumentos nos dão segurança, mas não convencem nem atraem.

Para muitos casais jovens e não tão jovens soa como "o mesmo de sempre". Nada substitui a própria reflexão sobre o que descobrimos, aprendemos, vivemos, evitamos, sofremos, encontramos.

⁴⁹Sarrias, *Dios y Jesucristo en la literatura actual*, 89.

⁵⁰Carta fundacional, em: ENS, *Guía*, 50.

Nada convence tanto como a própria expressão, pessoal, livre, realizada com sinceridade, com autenticidade. Quando um casal compartilha a si próprio e dá ciência do que vive, está convidando outros a compartilhar.

Não podemos ficar contentes com o que recebemos desde que estamos nas ENS e pensar que, ao melhorarmos nós próprios, ao seguirmos avançando como casal, já fazemos bastante. A grande lei da vida espiritual é que não se recebe mais que para dar, e se recebe na medida em que se dá.

Não nos enganemos. A possibilidade de guardar o que descobrimos, o que recebemos nas ENS, não existe.

Ou o dividimos de alguma maneira, ou o perdemos. Apenas compartilhando-o, continuará sendo para nós fonte de vida.

Se alguém antes, algum outro casal, não tivesse feito o mesmo conosco, nunca teríamos descoberto as ENS, nem a espiritualidade conjugal, nem a pedagogia que nos ajuda a crescer como casal.

Podemos ficar tranquilos quando pode haver tantos casais perto de nós que buscam o que nós estamos vivendo, tantos casais aos que ninguém dará ciência, se nós mesmos não o fazemos?

4.3- A espiritualidade conjugal: carisma das ENS

A palavra “carisma” vem do grego ‘*charisma*’, que significa “dom gratuito” e tem a mesma raiz que a palavra ‘*charis*’, que significa “graça”, a qual se entende como um dom do Espírito.

Há ainda graças excepcionais, chamadas carismas, dons, que devem ser utilizados para o bem comum.

Como desenvolvido no capítulo anterior:

No matrimônio cristão, a vida do casal leva a marca do sacramento, sinal profundo do compromisso recíproco dos esposos e sinal da graça de Deus. O amor conjugal encontra sua fonte no amor de Deus. No centro destes dois amores nasce a espiritualidade conjugal.

O desejo de conhecer e de fazer a vontade de Deus em todas as circunstâncias comuns da vida e a busca de sua presença, ajudam a desenvolver e aprofundar-se na espiritualidade conjugal. O amor divino se expressa através do amor humano quando a vida diária dos esposos, cada um em relação com o outro, se encontra plena de atenção e cuidado, de fidelidade absoluta, de compreensão e respeito mútuo, de harmonia de coração e de espírito. Quando as atividades mais simples estão impregnadas de amor, o Senhor está ali no coração do casal; a espiritualidade é então uma realidade vivida.

O casal casado deseja viver esta espiritualidade no dia a dia. No entanto, algumas vezes pode ser difícil viver de acordo com estas exigências do amor. São cometidos erros, causadas feridas, mas de todas as maneiras é necessário continuar e voltar-se sempre um para o outro. É precisamente nestes momentos que se encontra Jesus⁵¹.

Por tudo o que foi dito até agora, é importante lembrar o que disse o Pe. Caffarel: “A razão de ser do Movimento, sua finalidade, é a de conduzir seus membros ao conhecimento da espiritualidade conjugal e a viver dela”⁵².

PARA A REFLEXÃO

- 1) Quase todos os equipistas, reconhecemos ou nos lembramos de ter lido ou nos recomendaram Álvaro e Mercedes Gómez Ferrer. O que você sabe deles?
- 2) Álvaro e Mercedes nos convidam a viver a espiritualidade conjugal na vida cotidiana. Você vive isso com seu cônjuge?
- 3) A pedagogia das ENS, para viver uma autêntica espiritualidade conjugal, é traduzida nos PCEs. O que são para você e como você os vive?
- 4) A prática dos PCEs é o que permite ao casal dar vida à sua relação e à própria vida em equipe. Quanta vida você dá a seu matrimônio e à equipe?
- 5) O carisma das ENS é viver uma espiritualidade conjugal. Você considera que está nas ENS ou é equipista? Quer dizer, realmente você dá testemunho do valor de viver a proposta das ENS?

⁵¹ENS, *Guía*, 14.

⁵²ENS, *Padre Henri Caffarel: Destellos de su mensaje*, 62.

MESA 5

A ESPIRITUALIDADE CONJUGAL NA PALAVRA



A espiritualidade cristã é o conjunto de inspirações e convicções que animam interiormente os cristãos em sua relação com Deus, assim como o conjunto de reações e expressões tanto individuais como coletivas, que concretizam tal relação.

“A Santa Escritura é a fonte da espiritualidade cristã e sobre ela se baseia tanto o ensinamento da Igreja como a liturgia. Assim, pois, o Evangelho constitui a pedra angular de toda espiritualidade cristã”⁵³.

É importante lembrar que a espiritualidade cristã é uma só, mas como cristãos estamos condicionados a circunstâncias particulares ou concretas, sua vivência do Evangelho será vivida com uma mentalidade e algumas modalidades diferentes. Exemplo: uma espiritualidade da idade média é idêntica e distinta da que se anuncia hoje aos povos que são evangelizados. (ver Mesa 2)

Não há, nem pode haver, outra espiritualidade legítima e autenticamente cristã, se não se inspira nas palavras e ações de Jesus e se complementa com o testemunho dado pelos apóstolos.

São Paulo adverte expressamente que “ninguém pode pôr outro fundamento além do que já está posto, que é Jesus Cristo” (1Co 3,11), e São Pedro afirmou com valentia perante o conselho judaico que “nenhum outro nome nos foi dado sob o céu pelo qual possamos salvar-nos” (Act 4,12)⁵⁴.

5.1- Os Evangelhos sinópticos

A palavra Evangelho, que se traduz como boa notícia – do grego *εὐ*, “bom ou verdadeiro” e *αγγέλιον*, “mensagem” –, contém, segundo a fé cristã, a narração

⁵³ENS, *Camino de la vida espiritual en pareja*, 22.

⁵⁴ Royo, *Los grandes maestros de la vida espiritual*, 3.

das palavras e ações de Jesus; ou seja, relata a vida que se constitui na *boa nova* do cumprimento da promessa feita por Deus a Abraão e Isaac: a redenção do pecado para toda a humanidade por meio da morte de seu único Filho, Jesus Cristo.

Cada um apresenta Jesus – o Cristo, de um ponto de vista diferente: Mateus apresenta aos judeus como seu Rei; Marcos apresenta aos romanos como um servo; Lucas apresenta aos gregos como o filho do homem e, finalmente, João apresenta aos crentes como o Verbo encarnado para toda a humanidade.

Os três primeiros evangelhos – Mateus, Marcos e Lucas – são chamados de sinópticos, pois apresentam a mesma perspectiva geral da vida e pregação de Jesus – o Cristo – de um ponto de vista em comum. Ou seja, que relatam quase os mesmos fatos, coincidindo em suas narrações.

5.2- A espiritualidade conjugal nos Evangelhos

Espiritualidade é ter Deus presente em nossa existência; é-nos saber impulsionados por Ele a existir vivendo de forma feliz. É uma experiência de vida compartilhada, de sentimentos e pensamentos compartilhados. É descobrir que não estamos sozinhos, que temos sua ajuda.

Para nós, cristãos, esse ser superior com o qual nos podemos relacionar para fazer a existência não é uma força ou energia anônima, mas sim um ser pessoal e concreto que conhecemos por suas múltiplas manifestações de amor na história de seu povo e na nossa pessoalmente.

E é por meio da leitura de sua Palavra e da oração que podemos conhecê-lo, porque nos disse: “*porque te aprecio, és de grande valor e eu te amo. Para ter a ti e para salvar tua vida entrego homens e nações. Não tenhas medo, pois estou contigo*” (Is 43,4); porque seu Filho é sua imagem visível (Col 1,15), nos revelou plenamente: “*Se vós conhecéis a mim, também conhecerão a meu Pai; e já o conhecem agora, pois o estão vendo*” (Jn 14,7).

Também é um ser pessoal que nos conhece, porque é a causa primeira de nossa vida, e porque confessamos que nos criou à sua imagem e semelhança: *“Senhor, Tu me sondastes e me conheces: Tu conheces minhas ações; mesmo de longe sabes o que penso. Sabes minhas andanças, sabes tudo o que faço”* (Sal 139,1-3).

Nesta ordem de ideias, para nós, os cristãos, espiritualidade é deixar que esse ser, que tem transcendência em si mesmo, nos encha com sua presença e assim possamos nos abrir totalmente para viver em comunhão com Ele (Eu tenho Deus e Deus me tem). Espiritualidade é viver aberto a esse Deus que é amor (1Jn 4,8) e que quer o melhor para nós.

Viver a espiritualidade do matrimônio é viver abertos plenamente ao Deus da vida, é deixar que Ele esteja presente nessa união, fruto de nossa decisão e do que sentimos.

Viver a espiritualidade do matrimônio é viver entregando-se um ao outro e tratando de crescer mutuamente na entrega realizada; é não perder de vista que na vida recebida e entregue, deles dois, está presente o amor de Cristo por sua Igreja; é colocar no contexto da fé e da relação com Deus o que se vive cotidianamente.

É importante insistir nesta maneira de entender a espiritualidade matrimonial, para não confundi-la com atos religiosos única e exclusivamente, já que não poucas vezes estes não têm uma atitude espiritual.

Em outras palavras, pelo fato de ir à missa um casal não é espiritual, mas sim que necessita fazer presente com sua vida e com suas ações o amor de Deus. Dar o sentido transcendental, divino, ao que parece leve, normal e mundano. É elevar ao sentido divino o que é humano em extremo: a entrega.

A espiritualidade deste sacramento é fazer-nos compreender que essa relação do esposo pela esposa, e vice-versa, nos coloca na primeira vocação do homem: o amor.

O ritual do matrimônio em um de seus prefácios diz:

Porque ao homem, criado por tua bondade, dignificaste tanto, que deixaste a imagem de teu próprio amor na união do homem e da mulher. E ao que criaste por amor e ao amor chamas, concedes participar em teu amor eterno. E, assim, o sacramento destes noivos, sinal de tua caridade, consagra o amor humano, por Jesus Cristo, nosso Senhor. O amor é origem do homem. O amor é sua chamada constante. O amor é sua plenitude no céu. O amor do homem e da mulher é santificado no sacramento do matrimônio e se converte no espelho de teu eterno amor⁵⁵.

É por isso que um casal que queira realizar-se plenamente não pode desconhecer a presença de Deus em sua vida e em sua relação. Quando um casal se afasta de sua experiência espiritual, termina afogando-se na insuficiência das possibilidades humanas; termina fracassando ante a presença inevitável dos desencontros, das angústias e dos problemas da convivência diária; termina acorrentado às condições limitantes de seus instintos e impulsos.

Muitas das experiências matrimoniais só podem ser superadas se são abertas à ação de Deus, que motiva o perdão, a entrega e possui muita generosidade. A espiritualidade se manifesta como um “a mais” que ajuda o casal a seguir em frente. Não para suplantar a luta diária, mas sim para dar um impulso vivificador.

Por essa razão, a espiritualidade está expressa na vida toda, nas ações diárias mais comuns e nos momentos sublimes da liturgia da Igreja.

As Equipes de Nossa Senhora convidam cada um a escutar diariamente a palavra de Deus, consagrando um tempo para ler uma passagem da Bíblia, em particular dos Evangelhos, e a meditar em silêncio, com a finalidade de compreender melhor o que Deus nos diz através das Escrituras⁵⁶.

Os esposos estão convidados a aproveitar espaços de tempo para orar não apenas de forma individual, mas sim em casal. Para clamar ajuda e bênção para cada uma de suas atividades.

⁵⁵ Jiménez, *Matrimonio: comunidad de vida y amor*, 31.
⁵⁶ ENS, *Guia*, 24.

Desta forma, a oração em casal se torna poderosa, porque é a “Igreja doméstica” celebrando sua liturgia existencial e deixando-se preencher pela presença salvadora de Deus.

De fato, na oração se constrói unidade; se entende e se vive o perdão; se aceitam as diferenças e as dificuldades; se recebem luzes para desenvolver novos projetos; se alimenta o coração com novas forças; se recebe a serenidade e a paciência para poder conviver. Por isso, o casal cristão deve fazer da oração uma de suas melhores experiências diárias.

A escuta assídua da “Palavra” permite aos membros das equipes não apenas conhecer a Deus, mas principalmente enraizar-se no Evangelho. A Palavra faz que cada um dos membros do casal entre em contato direto com a pessoa de Cristo. Este contato pessoal é o pilar de toda vida espiritual, uma vez que “*A ignorância das Escrituras é a ignorância de Cristo*” (João Paulo II)⁵⁷.

Pelo que foi dito acima, fica evidente a pertinência que tem o ler e revisar alguns textos bíblicos, para precisar alguns elementos centrais da experiência espiritual do matrimônio. E embora sejam muitos os textos que podem ajudar a entender a espiritualidade do casal cristão, serão abordados somente três, privilegiando seu aspecto existencial.

• **1 Coríntios 13,1-8a**

Ainda que eu pudesse falar as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, sou como o sino que ressoa ou como o prato que retine. Ainda que eu pudesse ter o dom de profecia e saber todos os mistérios e todo o conhecimento, ou possuir uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver amor nada sou. Ainda que eu repartisse todos meus bens e entregasse meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me valerá. O amor é paciente e bondoso; o amor não inveja, não se vangloria, não se orgulha; tem decoro; não procura seu interesse; não se irrita; não guarda rancor; não se alegra com a injustiça; se alegra com a verdade. Tudo perdoa. Tudo crê. Tudo espera. Tudo suporta. O amor não acabará nunca.

O contexto em que se encontra este texto permite entender que a ideia central que o rege é o dos Dons do Espírito. Se lido um pouco antes, pode-se notar como Paulo vinha fazendo uma exposição, onde destaca as variadas ações do

⁵⁷ENS, *Guia*, 24.

Espírito de Deus no homem, e como, apesar desta diversidade, não se perde a unidade.

Nesse sentido, o amor espiritual, se é um dom de Deus, deve ser pedido pelo casal, em oração, ao Dono da vida.

No entanto, isto não descarta a ideia de que também seja considerada uma tarefa de cada um dos membros do casal, os quais terão que dar o melhor de si para realizá-la e assim poder construir um amor com as características que são propostas no texto.

É importante ressaltar a necessidade de pedir o dom do amor ao Espírito de Deus, pois muitas vezes nos acreditamos sozinhos na tarefa de amar e nos esquecemos de que o Senhor pode nos ajudar.

Esse deveria ser um dos motivos da oração do casal: pedir ao Senhor que Ele nos inunde com sua presença amorosa.

Em uma experiência de casal, são os dois que amam e que são bondosos, humildes, justos, sinceros, pacientes e, portanto, são capazes de desculpar tudo, crer em tudo, esperar tudo e suportar tudo o que suporte. É por isso que *“a caridade não acabará nunca”*.

E para que nessa realidade o amor chegue à plenitude, é preciso o concurso decidido e entregue de ambos. E é muito importante que isto aconteça no compartilhar diário do casal, onde há tantas situações difíceis com as quais têm que conviver.

- **Romanos 12, 1.9-18**

Rogo-vos, pois, irmãos, pela misericórdia de Deus, que ofereceis a vós mesmos como um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus... Que vossa caridade não seja fingida; deteste o mal e adira ao bem; ame cordialmente uns aos outros, gostando cada vez mais um dos outros. Sejam diligentes e evitem a negligência. Sirvam ao Senhor com espírito fervoroso. Alegrai-vos da esperança que compartilhas; não cedais ante as atribulações e sejam perseverantes na oração. Compartilhem as necessidades dos santos e pratiquem a hospitalidade. Caridade com todos os homens, ainda que sejam inimigos. Bendizeis os que os persigam; não maldizeis. Alegrai-vos com os que se alegram; chorai com os que choram. Tenhais um mesmo sentimento uns para com os outros. Não sejais orgulhosos;

inclinai-vos mais pelo humilde. Não sejais sábios em vós mesmos. Não torneis a ninguém mal por mal; procurai o bem para todos os homens. Sempre que seja possível, e enquanto dependa de vós, viva em paz com todos.

Este texto se encontra na parte exortativa da carta que Paulo envia aos cristãos de Roma. Contém conselhos muito precisos para todos os cristãos e que podem ser aplicados de maneira particular pelos esposos.

Por exemplo, para que nossa vida seja uma agradável oferenda a Deus, o apóstolo nos convida a nos convertermos, a mudar os paradigmas do homem velho, ou seja, os do mundo, para assumir os do homem novo, ou seja, os de Jesus – o Cristo: “*Não sejais sábios em vós mesmos*”, porque em muitos matrimônios atuais falta a espiritualidade, pois seus membros se comportam de maneira egoísta, utilitarista, ofensiva e até humilhante, uma vez que privilegiam seus próprios interesses, que parecem ser os critérios do presente.

Estes critérios se chocam com a essência do ser casal sacramental, acabando com ele, pois são critérios que correm na contramão da natureza do casal humano.

Viver à maneira de Jesus supõe uma mudança total, uma transformação de todo o homem, de seus pensamentos, de suas palavras, de suas ações. Quer dizer, uma transformação total. Daí a importância da oração, que permite tanto ao indivíduo quanto ao casal encontrar o impulso que o Espírito dá para alcançar a tão almejada santidade. Mas, enquanto o coração do homem não mudar, é muito difícil que a vida seja melhor.

Por isso, quem quiser viver espiritualmente sua relação de casal, o primeiro que tem a fazer é converter seu coração a Deus, porque estes são os que fizerem sua vontade, que é boa, perfeita e grata.

Sem dúvida, o que Paulo propõe neste texto serve a todo ser humano que queira que suas relações com os demais sejam sadias e frutíferas.

Mas, para a relação de casal, é muito preciso, porque insiste em uma atitude positiva e constante com a qual deve viver. Uma atitude que aborreça o mal e persiga o bem é, sem dúvida, uma qualidade que permite resolver muitos

conflitos, especialmente quando, por costume, agimos sem pensar que estamos provocando desconforto ao outro.

Quem diz amar-nos deve dar mostras claras de que não quer nos prejudicar e que não quer nada de mal para nós; do contrário, será muito difícil acreditar nisso. O respeito do que o apóstolo nos propõe, é muito importante em qualquer relação, mas muito mais dentro do matrimônio, pois ninguém quer se sentir maltratado ou humilhado.

Ser otimista e positivo perante situações dolorosas do presente e as dificuldades previstas no futuro, é um convite para crer no Senhor e a não duvidar de sua Palavra, na qual nos promete estar sempre conosco e agir em nosso favor.

- **Efésios 5, 21-32**

Sejais submissos uns aos outros, por respeito a Cristo: as mulheres a seus maridos, como ao Senhor, porque o marido é cabeça da mulher, como Cristo é cabeça da Igreja, o salvador do corpo. Como a Igreja está submissa a Cristo, assim também as mulheres devem ficar a seus maridos em tudo. Maridos, amai vossas mulheres como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, para santificá-la, purificando-a mediante o banho da água e a força da palavra, e apresentando-a resplandecente a si mesmo, sem mancha nem ruga nem coisa parecida, e sim santa e imaculada. Assim devem amar os maridos suas mulheres, como a seus próprios corpos. O que ama sua mulher ama a si próprio. Porque nunca ninguém aborreceu sua própria carne; antes, a alimenta e cuida com carinho, o mesmo que Cristo à Igreja, pois somos membros de seu corpo. Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e os dois formarão uma carne. Grande mistério é este, a respeito de Cristo e da Igreja.

Em qualquer celebração sacramental, geralmente é proposta esta leitura. Nela é enfatizado como deve ser a relação de casal. Nela, Paulo insiste em questões práticas da vida cotidiana de uma comunidade. Para ele é muito importante que o crente mostre em sua vida no que crê. E, neste contexto, o relacionado com os deveres familiares do cristão e, mais exatamente, aos deveres dos esposos.

A partir da relação de Cristo com a Igreja entende-se a relação dos esposos. Assume-se a relação humana de casal como um sacramento (ver Mesa 3) da relação do Senhor com seu corpo que é a Igreja.

Ou seja, que os esposos com seu amor fazem presente o amor divino de Cristo. É nesse contexto de intimidade, de amor imenso, de reciprocidade, em que devemos ler o texto para evitar qualquer visão machista ou pouco realista.

É necessário ler tendo em conta a reciprocidade pedida: *"Sejais submissos uns aos outros, por respeito a Cristo"*. Desta maneira, as mulheres estarão submissas a seus maridos, como ao Senhor, ao mesmo tempo em que os maridos devem amar suas esposas como o fez Cristo com a Igreja. Trata-se de uma relação de via dupla, de alguns compromissos compartilhados, de um duplo convite.

Não é possível que a sociedade tenha que afundar-se nas areias movediças das relações efêmeras e instáveis, porque sem verdadeiros e felizes matrimônios, que vivam sua sacramentalidade, não alcançaremos a sociedade sadia e justa que a humanidade anseia.

PARA A REFLEXÃO

- 1) A espiritualidade cristã tem como principal referência Jesus, o Cristo. O quanto você conhece Dele por meio da leitura assídua da Palavra?
- 2) Uma boa referência de espiritualidade conjugal é o relato de Emaús. Essa experiência compartilhada, de dar-nos conta que o Senhor nos acompanha, como se apresenta em sua vida?
- 3) O texto de 1Coríntios 13,1-8a, convida a refletir sobre a importância da caridade. Como você vive isso em sua experiência de matrimônio?
- 4) O texto de Romanos 12,1-9-18 convida a alcançar o que, por definição, deveria ser um humano. O que falta trabalhar para você alcançar este objetivo com seu cônjuge?
- 5) O texto de Efésios 5,21-32 suscita polêmica em diversos âmbitos. Como você entende o que Paulo nos descreve aqui?

MESA 6

A ESPIRITUALIDADE CONJUGAL NO MAGISTÉRIO



Magistério é definido como “*o ensino e direção que o professor exerce com seus discípulos*”⁵⁸ e, no contexto da Igreja Católica, se entende como a “*autoridade exercida pelo papa e pelos bispos em matéria de dogma e moral*”⁵⁹. Daí a importância de abordar o tema da espiritualidade conjugal a partir desta perspectiva.

Porque, como se viu na Mesa 5,

É indiscutível que a vida da Igreja é movida desde seu início pelo Espírito de Deus que anima, dá vida a sua Palavra e obra; este Espírito permitiu que a Igreja siga viva e fortalecida, apesar da passagem do tempo, como presença definitiva do Ressuscitado no mundo⁶⁰.

É precisamente a partir desta experiência que a Igreja tem a missão de ensinar e acompanhar, de forma permanente, a vida de fé dos crentes e das pessoas que tomaram a decisão de se tornarem cristãos. Porque “*todos os fiéis, cristãos, de qualquer condição e estado, fortalecidos com tantos e tão poderosos meios de salvação, são chamados pelo Senhor, cada um por seu caminho, à perfeição daquela santidade com a qual é perfeito o próprio Pai*”⁶¹.

6.1- A vocação do homem para a santidade no matrimônio

A santidade é um tema que “*desagrada ao extremo. Alguns inclusive se referem a ele com desprezo e desdém. A última coisa que eles gostariam de*

⁵⁸Dicionário da Real Academia Espanhola. Página da Real Academia Espanhola da Língua. [Consulta realizada em 28 de juhio de 2016]. <<http://www.rae.es>>.

⁵⁹Idem.

⁶⁰Aristizabal, *Aproximaciones a la espiritualidad matrimonial a partir del Concilio Vaticano II*, 16.

⁶¹Concilio Vaticano II, *Lumen Gentium*, No. 11.

ser é ‘um santo’ ou um homem ‘santificado’. No entanto, o tema não precisa ser tratado dessa forma. Não é um inimigo, é um amigo”⁶².

A santidade não é privilégio de uns quantos escolhidos, e sim uma qualidade que distingue não apenas Deus, mas também o homem que é chamado por Deus para cumprir sua vontade. “*Sede santos em toda vossa conduta como diz a Escritura: Sereis santos, porque eu sou santo*” (1Pe 1,15).

A santidade é um caminho proposto ao crente, e que não se vive de maneira extraordinária, isto é, fora da vida cotidiana, e sim no trabalho, em casa, nas coisas pequenas e simples da vida, nem requer grandes trabalhos para alcançar a santidade. É no meio da vida diária onde se faz presente a vida do Filho de Deus, com o Pai e o Espírito Santo; a trindade na vida dos homens se faz presente no serviço e docilidade, mesmo nas dificuldades próprias do viver⁶³.

Com o propósito de alcançar, como dizia o Pe. Henri Caffarel, “*a Santidade, nem mais nem menos*”⁶⁴ através do matrimônio, esta deve ser cultivada, com a orientação do Espírito Santo, vivendo as quatro graças ou dons que dão ao casal o matrimônio como sacramento: a irradiação, a elevação, a cura e a fecundidade (ver Mesa 3).

No caso particular de um casal cristão, os esposos:

Seguindo seu próprio caminho, mediante a fidelidade no amor, devem apoiar-se mutuamente na graça ao longo de toda a vida... desta maneira, oferecem a todos o exemplo de um incansável e generoso amor, contribuem para o estabelecimento da fraternidade na caridade e se constituem em testemunhas e colaboradores da fecundidade da mãe Igreja, como símbolo e participação daquele amor com que Cristo amou a Sua Esposa e se entregou a Si próprio por ela⁶⁵.

A vocação cristã ao matrimônio pode ser vivida a partir do chamado que Deus faz ao homem para escutar sua Palavra e para fazer sua vontade; da resposta do homem a este chamado e pela capacidade para viver na prática esta resposta em comunidade. Cada uma destas respostas configura a maneira de

⁶²Ryle, *Santidad*, 39.

⁶³Aristizabal, *Aproximaciones a la espiritualidad matrimonial a partir del Concilio Vaticano II*, 20.

⁶⁴ENS, *Guia*, 8.

⁶⁵Concilio Vaticano II, *Lumen Gentium*, nº 41.

ser santos a partir do matrimônio e torna visível a santidade na vivência dos cônjuges⁶⁶.

O homem completamente aberto à santidade é capaz de descobrir que a vocação cristã é um chamado ao amor, mas que não é única ou exclusivamente humano, mas também divino. O matrimônio faz parte desta realidade e a partir daí é possível considerar a relação que existe entre o amor a Cristo e o amor conjugal. Esta compreensão dinâmica permite o exercício de um apostolado que enriquece a dimensão sacramental do matrimônio e torna possível reconhecer o passo delicado e amoroso de Deus no meio do casal⁶⁷.

Como apresentado por São João Paulo II:

O Concílio Vaticano II pronunciou palavras altamente luminosas sobre a vocação universal à santidade. Pode-se dizer que precisamente este chamado foi o lema fundamental confiado a todos os filhos e filhas da Igreja, por um Concílio convocado para a renovação evangélica da vida cristã. Este lema não é uma simples exortação moral, mas sim uma insuprímível exigência do mistério da Igreja⁶⁸.

Pode ser considerado, então, que a santidade tem suas expressões mais sublimes no matrimônio, especialmente quando o casal que vive o sacramento é consciente de que eles:

São mutuamente para si, para seus filhos e para os demais familiares, cooperadores da graça e testemunhas da fé. Deus os chama para gerar e cuidar. Por isso mesmo, a “família sempre foi o ‘hospital’ mais próximo”. Curemo-nos, contenhamo-nos e estimulemo-nos uns aos outros, e vivamos o mesmo como parte de nossa espiritualidade familiar. A vida em casal é uma participação na obra fecunda de Deus, e cada um é para o outro uma permanente provocação do Espírito. O amor de Deus se expressa “através das palavras vivas e concretas que o homem e a mulher declaram seu amor conjugal”. Assim, os dois são, entre si, reflexos do amor divino que consola com a palavra, o olhar, a ajuda, o carinho, o abraço. Por isso, “querer formar uma família é animar-se a ser parte do sonho de Deus, é animar-se a sonhar com Ele, é

⁶⁶ Ver, Miranda, *Espiritualidad Matrimonial y familiar*, 107.

⁶⁷ Aristizabal, *Aproximaciones a la espiritualidad matrimonial a partir del Concilio Vaticano II*, 20.

⁶⁸ Juan Pablo II, *Christifideles Laici*, No. 16.

animar-se a construir com Ele, é animar-se a jogar-se com Ele nesta história de construir um mundo onde ninguém se sinta sozinho”⁶⁹.

Para a Igreja, a santidade não é um elemento que é somado à vocação cristã; esta se encontra na raiz de toda experiência humana quando se caminha para Deus. Por esta razão, é importante destacar o valor que tem dentro da vivência do sacramento e que conta com a exigência de uma vida que se abre para a experiência do inefável, do transcendente.

O matrimônio cristão, como toda a vida sacramental de Igreja, é chamado para a santidade, de tal maneira que as pessoas que queiram unir-se através do sacramento são profundamente interpeladas para viver a santidade de forma radical para seu bem e o bem de toda a Igreja, dando testemunho do amor de Deus como casais e respondem ao mais original de sua vocação cristã⁷⁰.

El Concílio Vaticano II nos convida a viver a santidade a partir da pessoa de Jesus, ou seja, de maneira encarnada, nunca separada do mundo, submersa na história de cada homem e mulher crente, com o propósito de viver uma santidade com as preocupações e as alegrias que são experimentadas na vida cotidiana. Esta nova maneira de entender a vida cristã não distingue entre o sagrado e o profano, recuperando com isso o caráter neotestamentário do chamado a uma vida submersa em Deus e em sua misericórdia⁷¹.

Daí que:

Quando o Concílio Vaticano II se referia ao apostolado dos leigos, destacava a espiritualidade que brota da vida familiar. Dizia que a espiritualidade dos leigos “deve assumir características peculiares em razão do estado de matrimônio e de família” e que as preocupações familiares não devem ser algo alheio “ao seu estilo de vida espiritual”. Portanto, vale a pena nos determos brevemente para descrever algumas notas fundamentais desta espiritualidade específica que se desenvolve no dinamismo das relações da vida familiar⁷².

⁶⁹Francisco, *Amoris laetitia*, No. 321.

⁷⁰Aristizabal, *Aproximaciones a la espiritualidad matrimonial a partir del Concilio Vaticano II*, 22.

⁷¹Ver, Vigil, *Vivir el Concilio*, 49.

⁷²Francisco, *Amoris laetitia*, No. 313.

Tal disposição do Concílio acerca da santidade cristã motiva a construção de um mundo mais humano, no qual a vida do ser humano responde a seus anseios e exigências mais profundas e completas, tornando possível visualizar que o casal pode conservar sua vida permitindo a acolhida da santidade⁷³.

6.2- A espiritualidade conjugal a partir do Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II priorizou o olhar da relação do homem com a Igreja e o mundo, como sustento da experiência de fé; por esta razão, ao abordar a questão da espiritualidade conjugal dentro do magistério a partir do Vaticano II, só se pode compreender a partir do ser humano para entender a maneira como tal espiritualidade contribui para uma vivência intensa e significante do sacramento do matrimônio.

A espiritualidade matrimonial se associa aos valores e aspectos que constituem a trama da vida conjugal, uma vez que assume os deveres e as obrigações dos esposos entre si, assim como as relações entre eles, onde o amor conjugal se encontra na vida concreta, se encarna e se manifesta em diversos momentos e aspectos que formam a vida e a história do casal, fazendo deste casal um reflexo genuíno do amor de Cristo⁷⁴.

Pode ser visto, então, que o sacramento do matrimônio não pode ser separado da vivência espiritual, já que se encontra inserido no cotidiano do casal. É o que assinala o Concílio ao expressar que cada casal que deseja viver o matrimônio como sacramento, deve dar testemunho de sua experiência de amor e vida perante a Igreja e a sociedade.

A espiritualidade vivida pelos cônjuges está marcada pela realização de seus projetos pessoais que sintonizam com o querer de Deus, fazendo com que dinamizem as vivências reais como alcançar estudos profissionais, dividir com amigos, ter momentos de recreação, entre outros aspectos que fazem parte da condição de sacramento da vida⁷⁵.

⁷³ Idem, 50.

⁷⁴ Ver, Miranda, *Espiritualidad Matrimonial y familiar*, 50.

⁷⁵ Aristizabal, *Aproximaciones a la espiritualidad matrimonial a partir del Concilio Vaticano II*, 24.

Cabe assinalar que para São João Paulo II:

O corpo humano, com seu sexo, e com sua masculinidade e feminilidade, visto no próprio mistério da criação, é não apenas fonte de fecundidade e procriação, como em toda ordem natural, mas que inclui desde “o princípio” o atributo “esponsal”, ou seja, a *capacidade de expressar o amor: exatamente esse amor em que o homem-pessoa se converte em um dom e – mediante este dom – realiza o próprio sentido de seu ser e existir*⁷⁶.

Neste sentido, o Concílio apresenta o matrimônio como uma comunidade íntima de vida e amor criada por Deus e orientada por sua vontade, tendo como princípio e eixo central o consentimento pessoal e irrevogável.

Desta forma, matrimônio como sacramento não é motivado por um ato humano, mas sim que é Deus quem lhe dá origem e quem permitiu a existência de bens e fins que possibilitem o bem-estar tanto do casal quanto da família, razão pela qual um casal unido pelo sacramento se constitui, por extensão, em fonte de esperança e fé para uma sociedade cada vez mais convulsionada e complexa.

Antes do Concílio, o desenvolvimento da pessoa, conseguido dentro do sacramento do matrimônio, era considerado como uma finalidade, mas são agora duas conotações fundamentais, que são a entrega e a aceitação mútua dos cônjuges⁷⁷, com o que:

Se reconhece que o vínculo sagrado é possível a partir da liberdade humana que Deus acompanha e tem sua manifestação no desejo firme dos cônjuges ao dar seu consentimento de querer viver como uma autêntica comunidade de amor no viver diário do lar, lugar para entregar os dons depositados no matrimônio e levando à plenitude humana do casal⁷⁸.

Desta maneira, entende-se que a estabilidade do matrimônio não é só responsabilidade de Deus, pois depende de cada cônjuge a revisão diária de sua resposta ao amor; por isso é possível concluir que a dignidade e a

⁷⁶ João Paulo II, *Audiencia general del miércoles 16 de enero de 1980*, No. 1.

⁷⁷ Ver, Kasper, *Teología del matrimonio cristiano*, 24.

⁷⁸ Aristizabal, *Aproximaciones a la espiritualidad matrimonial a partir del Concilio Vaticano II*, 25.

estabilidade – desejada por Deus –, que são alcançadas entre um homem e uma mulher, se materializam em atos concretos do amor conjugal, pois é ali onde pode ser encontrada a máxima expressão da união entre um homem e uma mulher;

Por isso, os esposos cristãos, para cumprir dignamente seus deveres, são fortificados e como que consagrados por um sacramento especial, em cuja virtude, ao cumprir sua missão conjugal e familiar, imbuídos do espírito de Cristo, que preenche toda sua vida de fé, esperança e caridade, chegam cada vez mais à sua própria perfeição e à sua mútua santificação e, portanto, conjuntamente, à glorificação de Deus⁷⁹.

A união conjugal sacramental reúne o desejo da união do casal, que se materializa em uma clara decisão de entregar e compartilhar a vida com a do cônjuge, e é onde a busca de Deus se torna real, porque começa a ser descoberta a fragilidade perante as adversidades da vida ou gozando de bem estar espiritual e material da mesma, mas sempre com disposição de serem acolhidos no encontro com Deus.

Portanto:

O amor se expressa e se aperfeiçoa singularmente com a ação própria do matrimônio.

Por isso, os atos com os que os esposos se unem íntima e castamente entre si são honestos e dignos e, executados de maneira verdadeiramente humana, significam e favorecem o dom recíproco, com o qual se enriquecem mutuamente em um clima de feliz gratidão.

Este amor, ratificado pela mútua fidelidade e, sobretudo, pelo sacramento de Cristo, é indissoluvelmente fiel, no corpo e na mente, na prosperidade e na adversidade e, portanto, fica excluído dele todo adultério e divórcio.

O reconhecimento obrigatório da igual dignidade pessoal do homem e da mulher no mútuo e pleno amor evidencia também claramente a unidade do matrimônio confirmada pelo Senhor.

Para fazer frente com constância às obrigações desta vocação cristã é requerida uma destacada virtude; por isso os esposos, revigorados pela graça para a vida de santidade, cultivarão a firmeza no amor, a magnanimidade de coração e o espírito de sacrifício, pedindo-os assiduamente na oração⁸⁰.

⁷⁹Concilio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, No. 48.

⁸⁰Concilio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, No. 49.

Pelo que foi colocado acima, é ressaltado que o encontro na vida matrimonial, onde a doação mútua, o agradecimento e a alegria não são um ideal, mas sim características que preservam a unidade do casal de maneira sólida, mesmo que dentro do desacordo de cada cônjuge.

Portanto, para que o matrimônio seja honesto, íntegro e exemplar, deve ter problemas reais perante os quais se faça evidente o desejo de manter a unidade e a fidelidade como virtudes que os capacita para uma vida santa que responda a este sacramento de Cristo.

O Concílio Vaticano II abriu o horizonte da sacramentalidade para ser vivido como uma experiência profundamente humana, afastada do reducionismo de uma visão jurídica “*sustentada por uma relação contratual na qual as pessoas intervenientes em tal relação, homem e mulher, já tinham definidos e delimitados todos seus papéis, ou seja, direitos e obrigações*⁸¹”, circunstância que impedia a compreensão integral da realidade conjugal, onde a vivência da misericórdia deve suplantar qualquer preceito ou norma que a estabeleça ou regule.

Desse modo, a aliança matrimonial é orientada à formação de uma comunidade de vida e de amor, que para o Concílio é o fundamento e a alma da vida matrimonial e de sua espiritualidade.

Portanto, pode ser afirmado que o amor é o bem de toda pessoa, que associado tanto ao humano quanto ao divino, leva os esposos a uma mútua e livre doação deles próprios em atos e afetos.

Este é o amor que se aperfeiçoa no exercício da sexualidade, em que a doação de si mesmos é o acontecimento que nutre e enriquece a espiritualidade⁸² e se apresenta como ocasião de santificação.

⁸¹ Aristizabal, *Aproximaciones a la espiritualidad matrimonial a partir del Concilio Vaticano II*, 27.

⁸² Caravias, *Matrimonio y familia a la luz de la Biblia*, 60.

PARA A REFLEXÃO

- 1) Quando se fala de magistério, se entende como a autoridade que em matéria de dogma e moral exercem o Papa e os Bispos. A esse respeito, sobre o sacramento do matrimônio, o que você pensa, por serem eles a proporcionar tal ensinamento, se nunca foram casados?
- 2) O Papa e os Bispos são pessoas que tiveram experiência de família. Sua referência mais próxima de matrimônio é o de seus pais. Você não acha que isto poderia ser um bom argumento para eles poderem exercer seu magistério?
- 3) É claro que Deus faz um chamamento ao homem e à mulher para alcançarem a santidade. Você já pensou como sua experiência de matrimônio ajuda o sacerdote, para que ele possa viver também seu sacramento e alcançar a santidade?
- 4) Uma das prioridades do Concílio Vaticano II é o fortalecimento da Igreja. Como você contribui para este propósito a partir da vivência de uma espiritualidade conjugal que permite a construção e o fortalecimento de uma Igreja doméstica?
- 5) No texto é afirmado que o amor que os cônjuges expressam se fortalece com o exercício de sua sexualidade. Você entende que este encontro íntimo se apresente como ocasião para a santificação do casal?

MESA 7

A ESPIRITUALIDADE CONJUGAL NA TRADIÇÃO



Quando se faz referência à tradição, pensa-se naqueles elementos que foram conservados e transmitidos através de gerações entre pais e filhos. Uma definição, que não é muito diferente, a partir de uma perspectiva religiosa, entende a tradição como "*cada um dos ensinamentos ou doutrinas transmitidos verbalmente ou por escrito desde os tempos antigos, ou o conjunto delas*"⁸³.

Deve-se notar que este conceito é encontrado, em não poucas ocasiões, ligado ao da autoridade, devido ao fato de que o assim chamado "argumento de autoridade" "*é baseado no prestígio e crédito de outra pessoa, ao invés de recorrer a fatos e razões*"⁸⁴; desta forma, a autoridade se baseia na tradição.

E "*ainda que autoridade e tradição sejam elementos que se encontram estreitamente vinculados em referência à ideia de heteronomia, a qual contradiz o ideal de uma experiência de liberdade como o é a autonomia*"⁸⁵, estes conceitos se apresentam, no entanto, como necessários no momento de abordar o tema da espiritualidade conjugal a partir da perspectiva do sacramento do matrimônio, porque, nesta caso, a tradição que nos é oferecida pela Igreja não é apenas uma autoridade, "*mas sim uma autoridade da qual não podemos nos emancipar, porque é na terra que estão nossas raízes. O consagrado à tradição possui uma autoridade que se tornou anônima, uma autoridade que determina nosso ser histórico e finito*"⁸⁶.

⁸³Dicionário da Real Academia Espanhola. Página da Real Academia Espanhola da Língua. [Consulta realizada em 29 de junho de 2016]. <<http://www.rae.es>>.

⁸⁴Idem.

⁸⁵Mahecha, *Teología y educación ambiental: invitación urgente a un nuevo dialogo*, 71.

⁸⁶ Alcaín, *La tradición*, 104.

No entanto, quando se fala aqui de tradição, não deve ser compreendido como sinônimo de um acatamento acrítico de expressões e condutas a serem repetidas, mas sim daquilo que nos foi oferecido ao longo do tempo, como herança valiosa, *"cuja identidade foi desafiada, para assumir o compromisso de se entender mais e de novo as mesmas, obtendo algo mais de acordo com o modo de existir do ser humano"*⁸⁷, como é o caso do cristianismo, que é legitimado por recurso a uma tradição que se funde a partir da referência chave a Jesus de Nazaré⁸⁸.

Um exemplo é a evocação da Semana Santa, que nos lembra não apenas a entrada triunfante de Jesus em Jerusalém, onde celebrou a última ceia com seus discípulos, mas que rememora também o grande acontecimento da paixão, morte e ressurreição de Cristo. Esta é uma amostra especial e representativa da tradição cristã, a qual se mantém viva graças à Palavra que se mistura aos costumes de uma comunidade⁸⁹.

No entanto, as tradições não são conservadas completas e vão se adaptando às necessidades, interesses e/ou conveniências de algumas pessoas ou comunidades, prevalecendo geralmente a história do vencedor.

Uma amostra é o exposto na Mesa 1, quando feita referência à versão de Lucas, que relata o esquema geográfico da expansão do cristianismo. Ele afirma que:

Começa em Jerusalém, avança pela bacia norte do Mediterrâneo, até que, finalmente, chega a Roma. Desta forma nos é apresentada uma linha do cristianismo primitivo, a que teve mais sucesso histórico e que, em maior medida, condicionou a história posterior, mas nada diz das linhas cristãs que se estenderam pelo oriente e pelo norte da África⁹⁰.

Ainda assim, poderiam ser mencionados outros exemplos em que os primeiros cristãos assumem os ritos de jejum e oração – que atualmente tem início na quarta-feira de cinzas –, sugeridos para a quaresma e que se constituem em requisitos preparativos para a celebração da Semana Santa⁹¹, os quais tiveram

⁸⁷ Mahecha, *Teología y educación ambiental: invitación urgente a un nuevo dialogo*, 71.

⁸⁸ Aguirre, *Así empezó el cristianismo*, 14.

⁸⁹ Mahecha, *Teología y educación ambiental: invitación urgente a un nuevo dialogo*, 71.

⁹⁰ Aguirre, *El proceso de surgimiento del cristianismo*, en: *Así empezó el cristianismo*, 18.

⁹¹ Abster-se de não consumir carnes vermelhas era uma das tradições mais enraizadas no interior do cristianismo. No entanto, hoje em dia é algo que não apenas se deixa para a consciência de cada um, mas também que já não se sabe o porquê de tal prática de outrora.

sua origem nas práticas judaicas, expressadas para o caso do jejum em Deuteronômio 14,3-21 e Levítico 11,1-47, e da oração em Deuteronômio 8,10.

Em alguns países da América Latina, até cerca de 40 ou 50 anos atrás, era tradição que nas casas fossem cobertos com um pano escuro ou preto os espelhos e as imagens, no momento em que as pessoas se vestiam com roupas de luto.

Inclusive, inspirados na tradição judaica do Shabat, os trabalhos relacionados com os afazeres da casa e a preparação de alimentos eram realizados com antecedência, com a finalidade de dedicarem-se aos rituais próprios chamados de Semana Maior.

Isto implicava uma moderação no comportamento das pessoas que, através do recolhimento e da oração, evitavam, inclusive, atividades cotidianas, como ouvir música, assistir a filmes ou sair a passeio⁹².

Para a tradição judaico-cristã, a espiritualidade conjugal se inspira em textos como a carta enviada por Paulo à comunidade de Éfeso, onde se pede que "as mulheres sejam submissas a seus maridos" (Ef5, 22). No entanto, é claro que:

São Paulo se expressa aqui em categorias culturais próprias daquela época; mas nós não devemos assumir e ser um escudo cultural, e sim a mensagem revelada que subsiste no conjunto do evangelho.

Retomemos a sábia explicação de São João Paulo II. "O amor exclui todo tipo de submissão, em virtude da qual a mulher se converteria em serva ou escrava do marido [...]. A comunidade ou unidade que devem formar pelo matrimônio se realiza através de uma recíproca doação, que é também uma mútua submissão". Por isso, diz também que "os maridos devem amar suas mulheres como a seus próprios corpos" (Ef 5,28)⁹³.

Esta reflexão anterior permite entender a necessidade de acompanhar esta experiência tão particular, que é a vivência de uma espiritualidade conjugal, para o que recorremos à maneira como foi feita de um ponto de vista pastoral.

⁹² Atualmente, se fala de *férias de Semana Santa* em referência à Semana Maior. Isto implica uma maneira diferente de pensar e relacionar-se com Deus, que seguramente não será contra o descanso, porque no "dia sétimo cessou Deus toda tarefa que tinha feito" (Gn 2,2), mas que também conclama para dedicar-lhe um tempo para amá-lo "com todo teu coração, com toda tua alma e com toda tua força" (Dt, 6,5).

⁹³ Francisco, *Amoris Laetitia*, No. 156.

7.1- A pastoral do sacramento do matrimônio

Hoje em dia nos encontramos ante uma mudança de geração, da qual também são partícipes as dinâmicas matrimoniais, pois se veem imersas nos inovadores desafios que trazem consigo as novas composições da sociedade, o papel dos filhos dentro do lar, as novas possibilidades dadas à mulher, as mudanças estruturais da família a nível demográfico, político, religioso.

É preciso que a Igreja tenha um diálogo maior para poder discernir entre estas e muitas mudanças que estão acontecendo, em ocasiões de maneira acelerada, e que afetam positiva ou negativamente o matrimônio⁹⁴.

Esta é uma realidade que experimenta a mudança que provocou um novo sistema de relações pré-matrimoniais, no qual predominam a espontaneidade e a liberdade, o amor e o erotismo, o prazer e o desfrute imediato, a intimidade e a afetividade, a igualdade e o intercâmbio, o que produziu uma mudança na maneira de entender e viver o matrimônio⁹⁵.

O matrimônio se encontra profundamente desafiado pela novidade, ou seja, pelas novas concepções sobre a vida de noivado, uma vez que os casais, já antes de se casar, vivem juntos; pela vulnerabilidade da vida de casal; pela cultura do renovável e do intercambiável. Todos estes desafios fazem com que o sentido genuíno da fascinação e admiração pelo outro, assim como o sentido da liberdade e do compromisso percam seu significado e sejam substituídos por estas “distorções do amor”⁹⁶.

No entanto, com muitos casais, persiste o desejo de unir-se sacramentalmente através do matrimônio, mesmo quando sua formação de fé é muito precária, fazendo com que os casais busquem o sacramento sem ter a suficiente convicção de viver uma união no Senhor através da Igreja, situação que torna evidente que, apesar das profundas mudanças da sociedade e da secularização, não se conseguiu desnaturalizar, desvirtuar ou erradicar a instituição matrimonial⁹⁷.

Desta maneira, o matrimônio entendido não como um fato concreto e limitado no tempo, mas sim como uma vivência que se prolonga tanto quanto o casal queira, teve que enfrentar o fato de não ter que abandonar o “*significado*

⁹⁴Aristizabal, *Aproximaciones a la espiritualidad matrimonial a partir del Concilio Vaticano II*, 74.

⁹⁵Ver, Borobio, *La pastoral de los sacramentos*, 262.

⁹⁶Idem, 264.

⁹⁷Aristizabal, *Aproximaciones a la espiritualidad matrimonial a partir del Concilio Vaticano II*, 75.

*matrimonial*⁹⁸; ou seja, a compreensão que o casal tem acerca da corporeidade e da humanidade, do sexo e do Eros, da paixão e do amor, do mistério de liberdade e da capacidade geradora.

No entanto, com o passar do tempo, as novas gerações anteciparam a vivência de sua sexualidade e inclusive de sua capacidade geradora, razão pela qual, em algumas ocasiões, a passagem para a libertinagem é aberta⁹⁹.

Pois bem, apesar deste panorama de profundas modificações nos significados do matrimônio, se pode apreciar a “permanente experiência” da qual os casais não podem escapar, como é tudo aquilo que faz parte de uma vivência conjugal que contém uma série de elementos, como a insatisfação na relação, que sempre leva a uma capacidade criativa quanto ao diálogo e à sexualidade, o reconhecimento de que se no casal está escondido um mistério, estar atentos tanto à vida como à morte, abertos a relações familiares que geram uma incerteza, mas também esperança, e, por sua vez, no reconhecimento da fragilidade, porque gozamos tanto de saúde quanto de doença, de alegrias e de tristezas¹⁰⁰.

Por outro lado, é necessário ter presente os conteúdos necessários para a preparação ao sacramento do matrimônio, os quais estão em sintonia tanto com o Código de Direito Canônico, o Catecismo da Igreja e os rituais estabelecidos para a vivência desta experiência sacramental. Isto torna possível que se leve em conta a necessidade da formação do casal, com ênfase na celebração comunitária do sacramento, pois fica evidente a falta de sentido de união com Deus perdida pelos casais que desejam casar-se, especialmente nestes últimos tempos¹⁰¹.

A pastoral matrimonial se sustenta desde a evangelização e deve ter como ponto de partida o Kerigma – ou seja, o primeiro anúncio –, a partir de um encontro pessoal e vivo com Jesus Cristo, através da experiência do Espírito; a mudança radical de vida e o sentimento efetivo e afetivo de pertencer à Igreja¹⁰².

⁹⁸Ver, Borobio, *La pastoral de los sacramentos*, 265.

⁹⁹Aristizabal, *Aproximaciones a la espiritualidad matrimonial a partir del Concilio Vaticano II*, 75.

¹⁰⁰Ver, Borobio, *La pastoral de los sacramentos*, 265.

¹⁰¹Aristizabal, *Aproximaciones a la espiritualidad matrimonial a partir del Concilio Vaticano II*, 75.

¹⁰²Ver, Borobio, *La pastoral de los sacramentos*, 273.

Do mesmo modo, é necessária uma catequese sobre a doutrina cristã acerca do matrimônio, que incorpore um fundamento sobre a criatura, ou seja, é necessário voltar os olhos para a origem, onde Deus criador se constitui em fundamento e origem da comunidade de vida e amor.

Desta maneira, uma visão a partir da Cristologia permite identificar Jesus como fundamento dentro da aliança pascoal; do ponto de vista da Eclesiologia, pode-se abordar desde o sentido comunitário da celebração do sacramento; e também a partir da Pneumatologia, através do vínculo de amor e de unidade¹⁰³.

7.2- A importância da preparação para o sacramento

O tempo de noivado é considerado como um momento de descobrimento recíproco, no qual se experimenta um aprofundamento na experiência de fé, tanto a nível pessoal quanto interpessoal, que promove todas as dimensões humanas e estrutura a construção dos casais a partir do amor em todos os âmbitos onde esta se apresente, seja no lar, no trabalho, na escola, entre outros.

Esta é uma etapa muito delicada, já que pode ver-se afetada pelo mau uso da corporeidade, onde a pornografia, a prostituição e outras vivências humanas não favorecem o amadurecimento de um amor, como promessa mútua de aceitar a união conjugal por meio do sacramento do matrimônio.

Por esta razão, na etapa do noivado faz-se necessário um autêntico aprofundamento na fé, que permita vivenciar o futuro dos cônjuges.

A preparação para o matrimônio constitui um momento providencial e privilegiado para aqueles que se orientam para este sacramento cristão e um *kairós*, quer dizer, um tempo em que Deus interpela os noivos e lhes leva ao discernimento sobre a vocação matrimonial e a vida na qual esta introduz. O noivado entra no contexto de um denso processo de evangelização¹⁰⁴.

¹⁰³ Ver, Misioneros del Sagrado Corazón. "Praenotanda: La importancia y la dignidad del Sacramento del Matrimonio", en: <http://www.mselperu.org/liturgia/praeNotanda/prenMatrimon.htm>. Consulta realizada el 6/07/2016.

¹⁰⁴ López, Preparación al sacramento del matrimonio, nº 2.

Portanto, é necessária a ajuda tanto das respectivas famílias como de toda a comunidade eclesial, para que os noivos, apoiados na oração, possam crescer na fé e ir descobrindo os diferentes dons dados através do sacramento – Mesa 3 –, e assim poder reconhecer que o compromisso assumido não é algo supérfluo ou passageiro, mas ao contrário, é o elemento fundamental que constitui toda a realidade matrimonial, que posteriormente será celebrada e vivida durante toda a vida.

A riqueza do matrimônio adquire um decisivo destaque a partir do período de noivado, motivo pelo qual é necessária uma solidez particular para a formação e amadurecimento da fé nesta etapa, assim como a avaliação dos programas, políticas, planos, entre outros, que são organizados para a formação na fé dos noivos, que favorecerão um clima humano adequado para a preparação dos casais para o sacramento matrimonial e perante todo o serviço e a ajuda aos demais¹⁰⁵.

Pelo que foi dito acima, é conveniente observar pelo menos duas etapas importantes que, mesmo que não se encontrem devidamente classificadas, constituem os núcleos essenciais da preparação para o sacramento matrimonial: a preparação remota e a preparação próxima.

- **A preparação remota**

A preparação remota está vinculada à atenção constante na formação de valores humanos e cristãos dentro da família, ou seja, são estimados o valor humano, o fortalecimento da autoestima, a formação do caráter, o domínio próprio e o manejo das relações interpessoais, assim como o tempo para formar tais valores, entre os quais cabe destacar o da castidade¹⁰⁶.

É importante assinalar que a castidade não se encontra relacionada com a anulação da vida sexual, e sim, ao contrário, com o descobrimento e valorização de nossos sentimentos e de nosso corpo.

¹⁰⁶ Ver, Aristizabal, *Aproximaciones a la espiritualidad matrimonial a partir del Concilio Vaticano II*, 81.

Pense, por exemplo, em um casal que, por um acidente, por doença ou simplesmente por chegar a uma idade em que fisiologicamente o corpo não responde da mesma maneira que na juventude, mas onde o carinho, o amor e o respeito se convertem em protagonistas da relação.

Visto desta maneira, a preparação remota:

Abrange a infância, a pré-adolescência e a adolescência, e tem lugar sobretudo na família e também na escola e em grupos de formação, valiosas ajudas nesta preparação. É o período em que se transmite e é gravada a estima de todo valor humano autêntico, tanto nas relações interpessoais como nas sociais, uma vez que comporta, para a formação do caráter, o domínio próprio e a estima de si mesmo, o uso correto das inclinações e o respeito às pessoas também do outro sexo. É preciso, além disso, sobretudo para o cristianismo, uma sólida formação espiritual e catequética¹⁰⁷.

• **A preparação próxima**

A preparação próxima está localizada no tempo do noivado e pretende afirmar os valores próprios de uma relação de amizade e diálogo que deve existir no casal. Portanto, é uma oportunidade para que se aprofundem na fé da Igreja, preocupando-se com o desenvolvimento integral do ser humano¹⁰⁸.

A preparação próxima deverá ser apoiada, antes de tudo, por uma catequese alimentada pela escuta da Palavra de Deus e interpretada com o guia do Magistério da Igreja, para que compreendam a fé com maior plenitude e a testemunhem na vida concreta. O ensinamento deverá ser oferecido no contexto de uma comunidade de fé entre famílias que, segundo seus carismas e funções, tomam parte e colaboram – sobretudo no âmbito da paróquia – na formação dos jovens, estendendo sua influência a outros grupos sociais¹⁰⁹.

Este é um tempo privilegiado para reconhecer a necessidade da presença de Deus no meio do casal e assim discernir aspectos da sexualidade, que se traduz na linguagem corporal, na riqueza da sedução e no erotismo, como

¹⁰⁷ López, *Preparación al sacramento del matrimonio*, nº 22.

¹⁰⁸ Ver, Aristizabal, *Aproximaciones a la espiritualidad matrimonial a partir del Concilio Vaticano II*, 81.

¹⁰⁹ López, *Preparación al sacramento del matrimonio*, nº 34.

parte fundamental de um simbolismo conjugal que se refere a toda capacidade de amor, doação e fecundidade¹¹⁰.

PARA A REFLEXÃO

- 1) Quando se faz referência à Tradição, entende-se como os ensinamentos que são transmitidos de geração em geração. A respeito da vivência de uma espiritualidade conjugal, quais referências você tem a respeito: você se lembra de como viviam seus pais, tios, avós?
- 2) A maneira como o cristianismo nasce, segundo a referência feita por Aguirre, pode ser lida agora em paralelo com a maneira de gerir a espiritualidade conjugal. Você pode identificar como foi a sua linha? É igual ou diferente da de seu cônjuge?
- 3) A importância de uma pastoral que acompanhe e anime a experiência do sacramento do matrimônio é muito importante. As ENS são testemunhas disso, quando encontramos casais dispostos ao serviço. Você já prestou algum serviço nesta pastoral? Qualquer que seja sua resposta, qual foi o resultado desta experiência?
- 4) Sempre se falou da importância de se preparar para o sacramento do matrimônio, e a opção que a maioria faz de realizar “cursos pré-matrimoniais” muito curtos é criticada. Em sua experiência, valeu a pena realizar este curso? Quais mudanças você faria em um destes cursos?
- 5) Com sua experiência dentro das ENS, você poderia dizer que esta é um “curso pós-matrimonial”? Qual é a grande diferença e o valor que esta experiência pode ter com relação à preparação pré-matrimonial?

¹¹⁰ Ver, Azpitarte, *Amor, sexualidad y matrimonio*, 110.

MESA 8

DESAFIOS PARA UMA ESPIRITUALIDADE CONJUGAL NAS ENS



Conta-se que em uma praia, em que muitas pessoas se afogavam todo ano, alguém teve a ideia de criar uma brigada de primeiros socorros. A necessidade de resolver este problema, unido ao entusiasmo inicial da ideia, permitiu que, com a ajuda de várias pessoas interessadas no assunto, o projeto fosse concretizado e reduzido o número de mortes.

No entanto, ante a segurança oferecida em tal praia, a confiança dos turistas aumentou, razão pela qual surgiu a necessidade de aumentar e melhorar a proposta, e então foram implantadas guaritas para manter guardas por 24 horas.

E o projeto teve tanto sucesso que cresceu, até constituir-se como uma praia particular, ao redor da qual se estabeleceu um florescente Clube, no qual tudo funcionava tão bem, que chegou o momento em que ninguém quis arriscar-se por si próprio ou pelos demais, motivo pelo qual foi proibida a entrada para banhar-se e foram colocados avisos por todas as partes, nos quais se lia: “se entrar na água, faça-o por seu próprio risco”.

Esta situação fez com que as pessoas se deslocassem para praias vizinhas, nas quais não existiam cartazes, nem salva-vidas, nem ninguém que estivesse atento às pessoas que entravam no mar, razão pela qual as mortes por afogamento começaram a aumentar.

Ante este cenário, novas pessoas pensaram que era necessário implantar uma brigada de primeiros socorros e outros, entusiasmados, acharam importante até criar guaritas para manter guardas as 24 horas.

No entanto, estas propostas terminavam sempre no mesmo, ao ponto que, atualmente, a praia se encontra cheia de clubes, cada um melhor que o outro. Mas, onde as pessoas não podem banhar-se e têm que ir a lugares próximos, onde, pela fala de vigilância, continuam a acontecer casos de afogamento.

Esta história pode refletir o que aconteceu na Igreja desde suas origens. Pessoas convencidas, entusiasmadas e com uma espiritualidade a toda prova, encorajaram diferentes carismas e muitas vezes nos centramos nestas. O convite é estarmos atentos para não criar novos “clubes”, esquecendo o mais importante, que é Jesus Cristo.

8.1- Desafios do futuro

“Ninguém que lança mão do arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus” (Lc 9,62).

Estas palavras de Jesus se converteram em uma frase lapidar e de aplicação indiscutível para as pessoas que optam por seguir Jesus e sua causa, porque a tarefa que nos deixou encomendada, para que nos façamos “discípulos seus”, é importantíssima. Trata-se de entender o que Ele chama de “Reino de Deus”¹¹¹.

Portanto, aceitar livremente unir-se a Ele, ou seja, segui-Lo, implica assumir a tarefa de implantar e estender esse Reino no mundo todo, em todas as dimensões da vida e da história humana, e de maneira particular na aurora deste novo milênio.

É uma missão que não nos permite, em nenhum momento, olhar para trás nem retirar a mão da tarefa; só temos tempo de viver para continuar essa missão, esse trabalho de lavradores na Vinha do Senhor, onde *“a seara é muito grande e poucos os obreiros”* (Lc 10,2).

O sentimento de muitos é que parece que o materialismo e a indiferença estão ganhando o jogo, mesmo entre aqueles que antes eram considerados como

¹¹¹Gallo, *Matrimonios: Hacia el Tercer Milenio*.

“*Militantes de Cristo*”¹¹², seguramente devido a que nos temos concentrado em fazer o trabalho com nossas próprias forças, esquecendo que ele deve ser feito com a ajuda de Deus. Que Deus atua por nosso meio e não estamos deixando que seja Ele quem trabalhe, mas esforçando-nos para levar adiante enormes esforços que ficam como “clubes bonitos em praias necessitadas”.

Temos que reconhecer que um dos desafios mais importantes que devemos assumir, não apenas como cristãos, mas como casais unidos pelo sacramento do matrimônio, é o “levarmos a sério” o cumprimento dos pontos concretos de esforço.

Neste sentido, temos que ser conscientes de que não é suficiente a oração pessoal nem conjugal. E embora sejam organizados encontros, palestras,退iros, cursos e oficinas onde nos é falado sobre a importância da oração, ainda não aprendemos a orar da maneira como Jesus ensinou.

Porque, como disse Lucas (lc 11,5-13), convém pedir seu Espírito nessa oração com tal insistência que Deus termine escutando-nos, ainda que pela persistência de nossa súplica.¹¹³

Nosso tempo é de desafios muito grandes, que nos exigem olhar sempre para frente. A globalização, a economia de livre concorrência em um mercado em que a única regra é vender e obter lucro a qualquer custo, o progresso de novas descobertas científicas e tecnológicas desenvolvidas continuamente, são tão ambivalentes que não se chega, a saber, se os benefícios que nos trazem são maiores que os malefícios que nos acarretam, tanto no nível material como no espiritual, ou tanto no nível pessoal e como comunitário.

Em consequência, as diferentes atividades propostas pelo Movimento das ENS, desde a reunião de equipe até um encontro internacional, poderiam perder facilmente seu objetivo, se não estivermos atentos para entender que não fazemos parte de um “clube”, porque nossos esforços poderiam ficar no ativismo estéril e esgotador.

¹¹²Ver: Salesman, *Militantes de Cristo*.

¹¹³Gallo, *Matrimonios: Hacia el Tercer Milenio*. Na reza normal do Pai Nosso, da Ave Maria e do Santo Rosário, repeimos tantas vezes de maneira vazia e aborrecida a mesma pregação sem consciência do que se está fazendo ou pedindo, que resulta enfadonha e ineficaz.

Em um esforço de ‘fazer por fazer’, podemos nos esquecer que devemos buscar antes “o ser” do que “o fazer”, e antes “a qualidade” do que “a quantidade” do que fazemos. Trata-se de viver nossa missão com alegria e alcançar a santidade através desta, nem mais nem menos.

Devemos recordar a censura que Jesus fez a Marta, ávida em deixar satisfeita o Senhor que se dignou a comer em sua casa. Sua irmã Maria estava deixando-a sozinha com a tarefa, sentada aos pés de Jesus e escutando suas palavras. Jesus poderia estar contente como hóspede com a rica comida que iam lhe dar, se no entanto o deixavam sozinho, sem sequer conversar com ele, nem escutando suas palavras de Mestre? Por isso disse à Marta, quando ela pede que sua irmã a ajude: “Marta, Marta, te ocupas com muitas coisas, mas só uma é necessária”, fazer-me feliz; “Maria escolheu a melhor parte, e não lhe será tirada” (Lc 10,38-42).¹¹⁴

Não podemos esquecer, e esse é o desafio, que ao seguir a Jesus, o Cristo, nossa tarefa deve ser a de anunciar e fazer viver seu Reino.

Não se pode admitir outra coisa, nem fazê-lo de qualquer modo. Porque, para que Cristo possa ser considerado bem servido e ao final Ele nos diga: “*Bem, servo bom e fiel..., entra no gozo de teu Senhor*” (Mt 25, 21 e 23), é necessário por a mão no arado sem olhar para trás.

Portanto, perante as dificuldades que se nos apresentam diariamente como casais unidos pelo Sacramento do Matrimônio, temos que enfrentar o desafio de viver a nossa espiritualidade conjugal “como Deus manda”, pelo que será necessário repensá-la, e perguntar-nos, um ao outro, e dialogar muito sobre isso.

Já em 1962, às vésperas do Concílio Vaticano II, o padre Henri Caffarel não vacilava em escrever em um número de *El Anillo de Oro*, consagrado ao tema “Matrimônio e Concílio”:

“A Igreja não pode se contentar, portanto, em pensar nos ‘leigos’ como se todos fossem solteiros, como se vivessem isolados; tem também necessidade – e, em certo sentido, em primeiro lugar – de perguntar-se sobre os lares cristãos, sobre o modo em que o matrimônio cristão é compreendido e vivido na catolicidade de nossos dias”¹¹⁵.

¹¹⁴Gallo, *Matrimonios: Hacia el Tercer Milenio*.

¹¹⁵Cafarell, *L'Anneau d'Or*, 179.

As coisas mudaram verdadeiramente quase meio século depois? De onde vem esta mentalidade de que a espiritualidade conjugal continue aparecendo como “o parente pobre da espiritualidade cristã”?

Pelo jeito, a Igreja vem tendo dificuldades durante séculos para reconhecer no matrimônio uma autêntica vocação cristã, no pleno sentido da expressão, suscetível de conduzir os que respondem a ele a uma verdadeira santidade leiga.

E talvez um dos desafios mais importantes que os casais terão que superar é o de demonstrar o verdadeiro sentido da sexualidade humana vivido no interior de um casal unido pelo sacramento do matrimônio. A esse respeito, devemos reconhecer que:

Embora o cristianismo – religião do corpo, posto que é uma religião baseada na encarnação do Verbo de Deus – não possa depreciar o corpo sem renegar a si mesmo, “tudo acontece como se o cristianismo tivesse com maior facilidade o corpo que sofre, o corpo que trabalha, o corpo que celebra, o corpo que goza”¹¹⁶.

A teologia do corpo de são João Paulo II não vacila em proclamar neste ponto, e de maneira inequívoca: “*o corpo e a sexualidade constituem... para o cristianismo... um ‘valor não muito apreciado’*”.¹¹⁷

Não basta recordar ao mundo em geral e aos cristãos casados que o matrimônio não é um estado de imperfeição. É preciso apresentar-lhes uma espiritualidade que valorize a ascética e a mística, mas não a partir da vida monástica, e sim a partir de seu estado de vida, de suas exigências, de suas dificuldades, de suas graças e de tudo aquilo que lhes compete¹¹⁸.

Faz falta mostrar à humanidade que o sacramento do matrimônio tem modelos de figuras de santos que chegaram a sê-lo pelo fato da perfeição de sua vida no estado matrimonial. Esta é uma das heranças de são João Paulo II ao beatificar, em 21 de outubro de 2001, os esposos Luigi e María Corsini Beltrame Quattrocchi.

¹¹⁶ Lacroix, *L'avenir, c'est l'autre*, 145.

¹¹⁷ João Paulo II, *Audiencia general del miércoles 22 de octubre de 1980*, No. 3.

¹¹⁸ Cafarell, *L'Anneau d'Or*, 186.

O primeiro casal de cristãos que foi beatificado na história da Igreja por causa da santidade de sua vida conjugal e que, por esta razão, é celebrada sua festa no dia de aniversário de seu casamento – 25 de novembro –, com o que fica claro que se pode ser santo, não apesar de estar casado, como se pensava em outra época – com excessiva facilidade –, mas precisamente por e graças a tal estado de vida (de casado).

Aqui está a apostila do que São João Paulo II tenta expressar à Igreja do século XXI através da celebração da vocação do corpo humano: “*Com efeito, o corpo, e só ele, é capaz de tornar visível o que é invisível: o espiritual e o divino. Foi criado para transferir à realidade visível do mundo o mistério escondido desde a eternidade em Deus, e ser assim seu sinal*”.¹¹⁹

Esta vocação do corpo é uma missão que corresponde aos esposos cristãos revelá-la e profetizá-la, mais do que aos outros membros da Igreja. É uma missão dotada de uma nobreza imensa e de uma urgência total em um mundo que considera o corpo humano como um simples material utilizável.

Concluindo, é possível visualizar que:

São muitas as urgências perante as quais o espírito do cristão de hoje não pode ficar insensível. Não podemos perder de vista o vilipêndio dos direitos mais sagrados das pessoas, principalmente dos desvalidos, abandonados nas zonas marginais das cidades, nos povoados perdidos na pobre subsistência do “camponês” tão esquecido, e até em inumanos campos de refugiados, ou nos cárceres. Apenas não se levam sequer em conta os milhões de crianças que são mortas antes de nascer, “porque atrapalham” sem nunca terem nascido; e, se chegam a viver, são condenadas à fome e à miséria neste mundo em que não lhes será dado um lugar digno para viver.

Os novos potenciais da ciência, no começo do terceiro milênio, podem ser usados a favor da vida humana; mas também contra essa vida e sua qualidade, até chegar a tornar o planeta inhabitável pelo desequilíbrio ecológico, obra de uma ciência mal usada. Podem dar aos homens maior duração e melhor qualidade de vida; mas, por sua vez, podem ocasionar novos sofrimentos pessoais e desajustes sociais que antes não existiam. Já advertiu seriamente a *Gaudium et Spes*: Todas as pessoas têm a mesma dignidade: ser “imagem e semelhança de Deus”. Todas são chamadas igualmente à

¹¹⁹ João Paulo II, *Audiencia general del miércoles 20 de febrero de 1980*, No. 4.

dignidade suprema de ser de verdade “filhos de Deus” (1Jn 3,1), como o é Jesus Cristo. Lutar para que isso seja conseguido no terceiro milênio deve ser a primeira tarefa de todo apostolado pretendido. Militar nessa causa é ter-se colocado ao lado de Deus, o Pai, e de seu Filho, o Salvador Jesus Cristo. Se o fizermos, conosco estará o Espírito Santo: para nos iluminar e nos dar as forças que precisamos ter.

É por esta razão que nós, que cremos em Cristo, não podemos ficar indiferentes perante os problemas que tornam impossível essa paz, que todos ansiamos, mas que todos a impedimos de tantas maneiras. Essa paz que vemos ameaçada permanentemente por um sistema estabelecido pelos egoísmos humanos, a soberba dos poderosos, a rebeldia irracional dos fracos, as ideologias inumanas, as guerras sempre cruéis e por vezes catastróficas, o terrorismo covarde, os sequestros, os assaltos à mão armada, e tanta insegurança cidadã a partir do espírito de violência e da consequente represália ou vingança.¹²⁰

É pelo que foi dito anteriormente que nós, os cristãos em geral e os casais unidos pelo sacramento de maneira particular, fomos enviados a este mundo para contribuir para a implantação, hoje e agora, desse Reino de Deus, onde a verdade supera o engano, a vida se impõe à morte, a santidade triunfa sobre a maldade e o pecado, a misericórdia e a graça dominam o ódio e a vingança, a justiça prevalece sobre o egoísmo e a iniquidade, e onde o amor, como o que Deus tem por cada um de nós, se apresenta como uma antecipação do gozo eterno no Reino dos Céus que Jesus anunciou e, com sua ressurreição, nos entregou.

8.2- O desafio de ser casal equipista

Uma relação de casal tradicional é constituída entre um homem e uma mulher que se casam. No entanto, atualmente existem diversos tipos de casais, que vão desde os que vivem juntos mas não são casados, os que têm uma relação à distância, os que vivem relações do tipo virtual e, é claro, os casais que surgem a partir de relações lesbianas, gays, transgêneros, bissexuais e intersexuais, conhecidas com a sigla LGTBI.

¹²⁰Gallo, *Matrimonios: Hacia el Tercer Milenio*.

Em todo caso, todos devem enfrentar desafios como a comunicação, o manejo do dinheiro, o prazer sexual, o desenvolvimento profissional, o descanso, os filhos, entre muitos outros.

Esta classificação dos desafios, em muitos casos, é ditada pelo entorno social com que o casal interagiu previamente, antes de converter-se em casal. Estas são as mesmas razões pelas quais cada casal protesta, manipula, termina uma relação ou busca ajuda com especialistas; são apenas disfarces nos quais se esconde a verdadeira razão dos desafios de um casal, que são as necessidades de uma pessoa, são a origem das dificuldades de comunicação, econômicas,性uais e outras, dentro das relações de casal.¹²¹

A tradição se encarregou de apresentar que ser um casal é um desafio a que se deve chegar.

Frases, como “é melhor sozinho que mal acompanhado”, não motivam em nada a construção, não apenas de uma espiritualidade conjugal, mas também dificultam a do Reino. Por isso, é muito importante dialogar e fazer-se perguntas na linha: não do por que, mas sim do para que.

Perguntar-se sobre o porquê, é centralizar-se nas qualidades e características que desejamos e esperamos de nosso cônjuge, esperando que estas características saciem nossas necessidades, enquanto que interrogar-se a respeito do “para que” nos leva a analisar sobre aquilo vamos fazer com esse aporte de habilidades e características especiais possuídas pela pessoa escolhida como cônjuge.

Portanto, para tornar realidade o anúncio do Reino e estabelecê-lo entre os homens, é necessário enfrentar um dos maiores desafios que o ser humano tem na atualidade, como é manter o diálogo. E no contexto do casal, as Equipes de Nossa Senhora propuseram como parte de sua pedagogia “o dever de sentar-se”.

Este ponto concreto de esforço é o maior dos desafios que devemos superar como casal, já que no testemunho dos equipistas, é o mais difícil de cumprir e o que mais requerem os casais para levar adiante sua missão com alegria.

¹²¹ Rivero, *El reto de ser pareja*.

O dever de sentar-se nos ajuda a conhecer pouco a pouco nosso cônjuge. É um tempo que passam juntos, marido e mulher, sob o olhar do Senhor, para dialogar na verdade e com serenidade. Este tempo de expressão dos sentimentos e dos pensamentos entre os esposos permite-lhes um melhor conhecimento e ajuda mútua. Permite-lhes olhar para o passado, analisar a vida conjugal e familiar, fazer projetos para o futuro e ver quais são as mudanças que são necessárias para atingir esse ideal que eles escolheram.

O dever de sentar-se evita a rotina da vida conjugal e mantém jovens e vivos o amor e o matrimônio. Seu valor é reconhecido por todos os casais que o praticam, os quais reconhecem neste encontro a ocasião de amar-se mais.

Recomenda-se começar o dever de sentar-se com um momento de oração ou de silêncio para tomar consciência da presença de Deus. O silêncio torna mais profunda a atenção de um sobre o outro, aproxima a Deus e cria uma atmosfera natural e favorável.¹²²

PARA A REFLEXÃO

- 1) As ENS têm um objetivo claro, que é o de ajudar a viver uma espiritualidade conjugal para alcançar a santidade a dois, “*nem mais nem menos*”, como dizia o Pe. Caffarel. O que você entende por santidade? Como você contribuiu para alcançar este propósito em seu matrimônio?
- 2) Embora muitos casais optem por separar-se ou viver em união livre, para não “amarrear-se” com o sacramento do matrimônio, pode ser observado, no entanto, que muitos casais continuam se casando pela Igreja. Como você poderia motivar mais casais para que se atrevam a viver o sacramento?
- 3) Um dos grandes desafios que a espiritualidade conjugal tem é a vivência cotidiana em um mundo que prefere os resultados imediatos. O que você diria aos casais que acreditam que a santidade é algo de pessoas dedicadas à oração e ao serviço ao próximo, e que nada tem a ver com o sacramento?

¹²²ENS, *Guía*, 27.

- 4) A Igreja tem casais que são testemunhas por alcançar a santidade através do sacramento do matrimônio. Convidamos vocês para que busquem um pouco mais em suas biografias e façam uma ideia melhor sobre suas vidas.
- 5) Em sua experiência como equipista, qual é o maior desafio que você tem no interior das próprias ENS?

BIBLIOGRAFIA

- ॥ Aguirre, Rafael (Ed.). *Así empezó el cristianismo*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.
- ॥ Aparecida. *Documento conclusivo de la V Conferencia General del Episcopado Latinoamericano y del Caribe*. Bogotá: CELAM, 2007.
- ॥ Aristizabal, César. *Aproximaciones a la espiritualidad matrimonial a partir del Concilio Vaticano II*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2013.
- ॥ Azpitarte, Eduardo. *Amor, sexualidad y matrimonio*. Buenos Aires: Editorial San Benito, 2004.
- ॥ Biblia de Jerusalén. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 1976.
- ॥ Boff, Leonardo. *Ecología: grito de la tierra, grito de los pobres*. Argentina: Ediciones Lohlé-Lumen. 1996.
- ॥ Borobio, Dionisio. *La pastoral de los sacramentos*. Salamanca: Editorial Secretariado Trinitario, 1996.
- ॥ Cabestrero, Teófilo. *¿Qué es y qué no es espiritualidad?* (artículo en Internet). Roma: Misioneros Claretianos; s/f (consulta el 3 de junio de 2016). Disponible en:
http://www.cafaalfonso.com.ar/descargas/que_es_espiritualidad.pdf
- ॥ Cafarell, Henri. *L'Anneau d'Or*. No. 105-106. Paris: Éd. du Feu Nouveau, mai-août, 1962.
- ॥ Caffarel, Henri. *Sobre el amor y la gracia*. Madrid: Editorial Euramerica, 1958.

- ❑ Caravias, José Luis. *Matrimonio y Familia a la luz de la Biblia*. Ecuador: Editorial Edicay, sin fecha.
- ❑ Catecismo de la Iglesia Católica. Conferencia Episcopal de Colombia. Bogotá: Librería Editrice Vaticana, 2005.
- ❑ Chardin, Pierre Teilhard de. *El fenómeno humano*. Madrid: Taurus, 1967.
- ❑ Concilio Vaticano II. *Constitución Gaudium et spes*, en: Documentos del Vaticano II. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1969.
- ❑ Cunningham, Lawrence y Egan, Keith. *Espiritualidad cristiana. Temas de la tradición*. España: Sal Terrae, 2004.
- ❑ Equipos de Nuestra Señora. *Camino de la vida espiritual en pareja*. Bogotá: ENS, 2012.
- ❑ Equipos de Nuestra Señora. *Carta fundacional*. Bogotá: ENS, 2001.
- ❑ Equipos de Nuestra Señora. *El deber de sentarse*.
http://www.enscolombia.org/index.php?option=com_content&view=article&id=646:el-deber-de-sentarse&catid=25&Itemid=174. (Consultado el 28 de julio de 2016).
- ❑ Equipos de Nuestra Señora. *Guía*. Bogotá: ENS, 2001.
- ❑ Equipos de Nuestra Señora. *Padre Henri Caffarel: Destellos de su mensaje*. Bogotá: ENS, 2001.
- ❑ Equipos de Nuestra Señora. *Segundo aliento*. Lourdes: ENS, 1988.
- ❑ Espeja, Jesús. *La espiritualidad cristiana*. España: Verbo Divino, 1992.

llibre Etchebehere, Pablo. *El espíritu desde Viktor Frankl*. Buenos Aires: Agape Libros, 2011.

llibre Francisco. *Amoris laetitia*. Exhortación apostólica postsinodal sobre el amor en la familia. Tomado de: Página web oficial de la Santa Sede. En: <<http://w2.vatican.va>>.

llibre Frankl, Viktor. *El hombre doliente*. Barcelona: Editorial Herder, 2000.

llibre Gallo, Vicente. *Matrimonios: Hacia el Tercer Milenio*. En: <<http://formacionpastoralparalaicos.blogspot.com.co/2010/05/matrimonios-hacia-el-tercer-milenio-3.html>>. (Consultado el 6 de julio de 2016).

llibre Gómez-Ferrer Lozano, Álvaro y Mercedes. La espiritualidad conyugal: corazón de los ENS. Sin más datos.

llibre Iceta, Manuel. *Vivir en pareja*. Bogotá: ENS, 2002.

llibre Jiménez, Emiliano. *Matrimonio: comunidad de vida y amor*. Madrid: Caparros Editores, 2005.

llibre Juan Pablo I, *Audiencia General*, 13 de septiembre de 1978. Disponible en: Página web oficial de la Santa Sede. En: <<http://w2.vatican.va>>.

llibre Juan Pablo II. *Audiencia general del miércoles 16 de enero de 1980*. Tomado de: Página web oficial de la Santa Sede. En: <<http://w2.vatican.va>>.

llibre Juan Pablo II. *Audiencia general del miércoles 20 de febrero de 1980*. Tomado de: Página web oficial de la Santa Sede. En: <<http://w2.vatican.va>>.

BOOK Juan Pablo II. *Christifideles Laici*. En: 12 trascendentales mensajes sociales. Secretariado Nacional de Pastoral Social de Colombia. Bogotá. 1996.

BOOK Kasper, Walter. *Teología del matrimonio cristiano*. España: Editorial Sal Terrae, 1980.

BOOK Lacroix, Xavier. *L'avenir, c'est l'autre*. Paris: Du Cerf, 2000.

BOOK Larrabe, José Luis. *El matrimonio cristiano en la época actual*. Madrid: Editorial Stvdium, 1969.

BOOK López, Alfonso. *Preparación al sacramento del matrimonio*. Pontificio Consejo para la Familia. 13 de Mayo de 1996. Tomado de: Página web oficial de la Santa Sede. En: <http://w2.vatican.va>.

BOOK *Lumen Gentium*, en: Documentos del Concilio Vaticano II. *Constituciones, Decretos y Declaraciones*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1969.

BOOK Mahecha, Germán. *Aproximación a los rasgos de una espiritualidad ecológica*. Madrid: Editorial Académica Española, 2012.

BOOK Mahecha, Germán. *El Shabat: una estrategia ecológica de Dios*, en: *Theologica Xaveriana*. No. 172. Jul-Dic. 2011. p.p. 423 - 448.

BOOK Mahecha, Germán. *Teología y educación ambiental: invitación urgente a un nuevo dialogo*, en: *Roczniki Teologiczne*. T. LXIII, No. 2. 2016. Universidad Juan Pablo II de Dublín (Polonia). p.p. 69 - 93.

BOOK Miranda, José. *Espiritualidad Matrimonial y familiar*. Bogotá: Editorial Indo-American Press Service, 1994.

BOOK Navarrete, Rafael. *Para que tu matrimonio dure*. Madrid: San Pablo, 1995.

■ Navarro, Rosana. *El lugar de la espiritualidad en la acción docente del teólogo*. Bogotá: Facultad de Teología, Pontificia Universidad Javeriana, 2008.

■ Navarro, Rosana. *Reflexiones sobre espiritualidad, teología y docencia*. Bogotá: Facultad de Teología, Pontificia Universidad Javeriana, 2010.

■ Platón. *Diálogos*. Bogotá: Panamericana Editorial, 2011.

■ Real Académica Española. “*Magisterio*”, “*Tradición*” y “*Argumento de autoridad*”. Diccionario de la Real Académica Española, <http://buscon.rae.es/drael> (consultado el 28 de junio de 2016).

■ Rivero, Johnathan. El reto se der pareja. Caracas: Inspirulina, 2016. Disponible en: <http://www.inspirulina.com/el-reto-de-ser-pareja.html>. (Consultado el 28 de julio de 2016).

■ Royo, Antonio. Los grandes maestros de la vida espiritual. Historia de la espiritualidad cristiana. España: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.

■ Ryle, John. *Santidad*. España: Editorial Peregrino, 2013.

■ Salesman, Eliecer. *Militantes de Cristo*. Quito: San Pablo, 2003.

■ San Atanasio, Vida de San Antonio Abad. En: http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/0295-0373_Athanasius_Vida_de_San_Antonio_Abad_ES.pdf. Consulta realizada el 4 de febrero de 2016.

■ San Francisco de Sales. *Introducción a la vida devota*. Madrid. España: Biblioteca de Autores Cristianos, 2013.

- ॥ Sarrias, Cristóbal. *Dios y Jesucristo en la literatura actual*. España: Editorial Popular Cristiana, 1994.
- ॥ Torralba, Francesc. *Antropología del cuidar*. Madrid: Fundación Mapfre Medicina, 1998.
- ॥ Vigil José Ma. *Vivir el Concilio. Guía para la animación conciliar de la comunidad cristiana*. Madrid: Ediciones Paulinas, 1985.